

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO II

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1915

N 23

Grupo mantenedor: Bertholdo Klinger, Lima e Silva, Pompeu Cavalcanti, (redactores); Estevão Leitão de Carvalho, Joaquim de Souza Reis, Francisco de Paula Cidade, Mario Clementino, Parga Rodrigues, Jorge Pinheiro, Euclides Figueiredo, Taborda, Amaro Villa Nova, Maciel da Costa.



SUMMARIO

EDITORIAL

A lição da Belgica

PARTE JORNALISTICA

Instrucção da tropa.....	General Escobar
Os dois boletins do D. G.....	1º Tte João Freire Jucá
Estudo sobre metralhadoras.....	2º Tte João P. de Oliveira
Necessidades urgentes.....	2º Tte F. Paula Cidade
Questões á margem.....	1º Tte B. Klinger
Themas de tiro.....	Capitão Lima e Silva

NOTICIARIO

Patrulhas de infantaria — Pela tropa de engenharia —
Regulamento de continencias, signaes de respeito e honras
militares — Errata — Recrutamento das praças do serviço de
saude — Relatorio da Columnado Sul — Serviço de sapa — As
promptidões — Campeonato annual do cavallo d'armas —
Da Provincia — Subscrição para as familias das victimas
dos "fanaticos" do Contestado

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

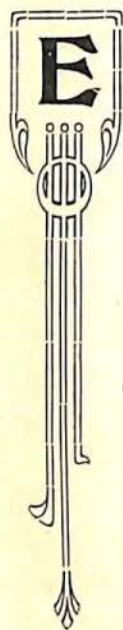
Redactores: BERTHOLDO KLINGER, E. DE LIMA E SILVA e POMPEU CAVALCANTI

N.º 23

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1915

Anno II

EDITORIAL



EM fins do mez de Dezembro do anno findo, quando os exercitos allemães já dominavam quasi totalmente o territorio da laboriosa Belgica, publicaram alguns jornaes de nossa capital as declarações do chefe do Gabinete daquelle paiz, das quaes transcrevemos as que se seguem:

«Nós não poderíamos crer que semelhante crime fosse commettido contra o direito.

Ha cerca de dois annos, fomos avisados por uma alta personagem politica... *Mais do que nunca a necessidade de nos armarmos se impunha.*

Mas a lei que pretendiamos votar, capaz de dar-nos os elementos de segurança **e que creava o serviço militar obrigatorio, tinha inimigos terriveis até nas camaras.**

Para vencer taes resistencias, eu deveria reunir um *comité* secreto, explicando aquillo que eu sabia e me fôra communicado.

O Parlamento, já então esclarecido, votaria tudo quanto eu quizesse.

Infelizmente a guerra surpreendeu-nos em plena reorganisação militar...

Entre nós, desde longinquos tempos do antigo regimen, a defeza da Patria foi confiada a todos os cidadãos brasileiros.

Advinda, porém, n'uma epocha em que a noção do exercito profissional havia por

demais se arraigado no espirito e nos habitos de toda a nação, e quando os prejuizos intellectuaes e moraes de um voluntariado rude e de má qualidade não se faziam tanto sentir nem se fazia notar a sua escassez, essa conquista da lei democratica foi, por largo tempo, prematura e platonica.

Data de poucos annos o interesse, o entusiasmo despertado, entre nós, pela resolução do problema militar, tal como o concebem todas as nações cultas. Elle surgiu, porém, ao mesmo tempo que doutrinas diversas, evolucionistas umas, revolucionarias outras, vinham respectivamente contrapor aos dictames nobilissimos da «nação armada» idéas generosas — conservadoras ou subversivas, mas francamente visionarias.

Impregnando-se de um pacifismo reflexo ou de um anti-militarismo vagamente definido, ora ao influxo de nobres ideaes, ora sob a acção de resistencias innatas, desenvolvidas por uma viciosa educação, nosso povo, atravez de alguns de seus órgãos representativos, tem creado difficuldades continuas á execução do sorteio militar.

E' incontestavel, entretanto, que si os anceios de paz nos enleiam fortemente, na suavissima illusão de que jamais veremos nossa Patria atirada ás aventuras de uma guerra, os sentimentos bellicosos, que são tão immanentes á natureza humana como aquelles, e os interesses nacionaes, que temos o dever de salvaguardar, nenhuma tranquillidade decisiva e duradoura nos asseguram.

Agora mesmo que nos entregamos ás expansões de uma ingenua sentimentalidade, navios belligerantes desrespeitam intimações de auctoridades maritimas e exercem actos de soberania em nossas aguas territoriaes.

E como uma resposta significativa a esses gestos de nimia sympathia em que não raro nos excedemos muito, chegam noticias de Londres que nos fallam da prepotencia ingleza sobre nossos productos nacionaes, ao mesmo tempo que «com escandalo» se protegem o commercio e a industria de outros *neutros*.

Certo, não ha nesses ligeiros episodios em fóco uma affronta premeditada ao nosso paiz; nem mais consolador, porem, é esse desapareço que géra tanta facilidade e desfaçatez...

Não é nosso *desideratum* discutir aqui si a guerra é ou não a unica forma de luta, si é um modo de evolução ou um simples episodio na vida dos povos, si a actividade guerreira foi substituida pela actividade pacifico-industrial, si os tribunaes arbitraes podem dirimir até conflictos de honra entre nações ou si o Direito sobrepuz a Força.

A historia de todos os tempos tem-nos ensinado que tanto produz as guerras a fé religiosa como o espirito militar de conquista ou o mercantilismo; tanto ellas advêm da desaffronta de offendidos brios nacionaes como da contestação de um direito.

Infelizmente o genero humano não se conduz como o prophetisam os philosophos, e os interesses da *patria*, si abrangem os da *familia*, ainda se contrapõem aos da *humanidade*.

E' preciso então reflectirmos sobre essas organizações pacifistas que a todo momento nos vêm perturbar o problema da defeza nacional e que, no velho continente, a despeito de seu character internacionalista, foram inteiramente por terra diante do principio das nacionalidades ou das ambições politicas cada vez mais impe-

tuosas. A Belgica é, sem duvida, uma de suas mais lamentaveis victimas.

Em relação aos paizes da America, não se diga que os antecedentes historicos, a situação e as relações entre os povos deixam de justificar a necessidade de encarar-se o problema militar do mesmo modo que os paizes da Europa, de cuja civilização, aliás, copiamos identicas virtudes, identicos defeitos e contra os quaes não offerecemos um melhor substratum.

Claro que a politica internacional é outra aqui; os interesses commerciaes poderão, todavia, collidir ou se reaccender imprevisitamente, nesse instincto dynamico de progresso, as antigas rivalidades que hoje «não mais nos separam...»

E' então imprescindivel que, promovendo a nossa grandeza moral, prosperidade economica e bem estar material, não anniquilemos precisamente, por outro lado, o órgão essencial da defeza de nossos brios, riquezas e tradições.

*
*
*

Os exercitos modernos, porem, não constituem pura e simplesmente uma reunião de homens destinados a repellir o inimigo exterior ou a assegurar os direitos conculcados de um povo.

Sob um ponto de vista social mais elevado, é uma instituição por onde deve passar a parte masculina da população que ahi aprimora a noção do dever, da disciplina e do patriotismo.

Não façamos cabedal aqui de que o exercito seja um gerador de força social e economica.

Antes de pensarmos em attingir a essa eficiencia a que nos vão conduzindo os progressos da technica e o alto gráo de aperfeiçoamento das organizações modernas, antes de collimarmos esse rendimento energetico maximo e que, *sem militarismo*, permittirá o desenvolvimento simultaneo e integral de todas as actividades sociaes, concentremos nossos esforços nesse órgão immediato de defeza e de protecção.

Quando um dia despertarmos da lethargia em que se tem mantido nosso immenso e pujante paiz — o que póde ser amanha a um abalo que nos sacuda os nervos adormecidos; quando nos libertarmos dessa estagnação moral em que jaz um povo desvirilizado e sem ideal; quando uma instrucção systematica beneficiar as camadas obscuras da sociedade e desenvolver o vigor physico, as conquistas scientificas e os sentimentos estheticos das mais esclarecidas, já então o problema da guerra talvez se não apresentará mais com esse character morbido e essas manifestações hystericas com que se offerece agora aos nossos sentimentos.

Mas desde já que se não illuda a nação!

O punhado de cidadãos com que as leis annuaes de fixação de forças alimentam fria e despreoccupadamente uma rubrica orçamentaria não proporcionará, no momento preciso, garantia alguma á integridade nacional.

Não se concebe um exercito sem organização para a guerra nem uma nação cujos filhos se não devam a defendel-a em todos os transes.

Um dia, o orgulho britannico, apoz sangrentos e collossaes sacrificios vio, em relação ao alistamento militar, o seu apregoadado espirito pratico cahir no mais inoportuno dos ridiculos.

Por mais extraordinario que pareça, a livre e democratica Inglaterra, para cujo povo a «obrigação» é contraria aos seus sentimentos e tradições, já reconheceu a impotencia de seus ingentes esforços, na lucta presente, sem o appello legal aos seus filhos esquivos.

Nosso Exercito esgota-se obscuramente com um voluntariado que conta em seu seio soldados de 20 annos de praça, e cujos engajamentos successivos não permitem se evidenciem os claros nem consentem se organisem as reservas de 1.^a linha.

Nossa Guarda Nacional é uma pilhe-

ria de requintado máo gosto... *Non ragioniam di lor...*

Pela tropa; entretanto, uma acção devotada e energica, orientada para a instrucção e educação de nossos rudes recrutas e veteranos, vae cada vez mais elevando o nivel moral e profissional da Caserna.

Uma geração nova, cheia de crença nos nossos destinos e de entusiasmo pela elevada missão dos exercitos, veio substituir os velhos combatentes que se haviam deixado surprehender pelas invasões philosophicas ou pelas incursões de uma abominavel e dissolvente politica.

Seria illusão imaginar-se que esse ardor combativo já se transmittio totalmente á nossa numerosa e heterogenea officialidade.

Mas este problema já é um objectivo secundario.

Cada anno que passa, novos horizontes se descortinam ao ensino e melhores aspectos assumem os corpos de tropa.

Quem ousaria affirmar, ha cinco annos atraz, que se conseguiriam obter tão depressa e tão brilhantemente esses periodos normaes de instrucção que numerosas unidades do Exercito vêm mantendo cada vez com melhor exito e a despeito de seus resultados pouco proveitosos?

Tão seguros estamos da victoria desta corrente de trabalho vigoroso e tenaz quão obscuro e patriotico que ousamos affirmar: **da energia e do civismo de nossas autoridades militares dependerá principalmente a execução do serviço militar obrigatorio.**

O exemplo da Belgica é para os pacifistas.

Pompêo Cavalete

Instrucção da Tropa

No tempo do imperio o facto das leis de recrutamento forçado e voluntariado com premio conservarem o homem na fileira o longo tempo de nove e seis annos corrigia,

em parte, os defeitos causados ao ensino pratico pela falta de incorporação do pessoal em epochas marcadas, mas nunca conseguiu criar methodos de educação e instrução, nem habitos de trabalho diario intensivo.

O regimen republicano estabelecendo a lei do voluntariado sem premio, reduzindo a duração do serviço militar a dois annos para todas as armas e continuando a manter a irregularidade na incorporação aggravou as condições da instrução pratica, já compromettida.

De um certo tempo a esta parte anda-se a legislar para o exercito como se no Brasil já estivesse em vigor a lei de sorteio. Se as lições da experiencia propria ou alheia nos podessem aproveitar, a lei de dois annos para todas as armas já teria recebido modificação.

Observando o que se passa no presente em relação á educação e instrução pratica nas armas, se comprehende que o nosso homem pôde se adestrar em dois annos na infantaria, em nunca menos de tres na artilharia e cavallaria e em quatro na engenharia.

Não se veja nestes dilatados prazos a falta de aptidão natural mas sim o analfabetismo da população, a carencia de artifices, a fraqueza dos effectivos normaes, as inclusões e exclusões diarias e finalmente o vicio chronico e incorrigivel de se desviar as tropas da instrução militar sem causa justificada.

E' certo que hoje os regulamentos tacticos modernos se apresentam completamente simplificados, o que parece, até certo ponto, exigir redução na duração do serviço militar; mas se são resumidos e simples requerem por isso mesmo uma execução tão perfeita que entre nós só se obterá com o tempo, attendendo á nossa falta de costumes militares e aos vicios tradicionais que conservamos.

Se a impropriedade da lei de recrutamento não nos permittio no decorrer do tempo adquirir methodos regulares de instrução, o dever do momento era de, perante a exiguidade do tempo de serviço, tratar de eliminar os vicios herdados e os adquiridos para assim facilitar a marcha progressiva da instrução pratica e pugnar pela lei de sorteio.

A guarda, a patrulha, a ordenança, o emprego, o destacamento, a faxina, o papelorio, a burocracia, a guarda de honra e o

funeral continuam a ser os principios fundamentais irreductiveis para os quaes convergem ainda os esforços mais intensos dos principaes responsaveis pelo destino da instrução de combate e disciplina das tropas do exercito.

A lei do sorteio militar foi agitada de novo, é certo, mas despertou apenas um só momento para em seguida voltar ao leito onde dorme ha quarenta annos acalentada pela desidia e pela corrupção.

Por outro lado as escolas militares, fonte de recrutamento de officiaes, nada produzem no sentido das lições praticas e assim continuará no exercito o predominio dos theoricos, dos pacifistas, dos utilitaristas e ainda por muitos annos levaremos a ministrar aos nossos soldados uma instrução pratica irracional e tumultuaria.

Poucos são os que realmente se interessam pela instrução pratica das armas e muitos os que de industria fingem a ella se dedicar.

E' grande o numero de officiaes de todas as patentes que gostam de admirar a exterioridade brilhante das formaturas de tropas instruidas mas só a empurrões nellas tomariam parte e muito a contragosto concorreriam para seu preparo pratico.

O fraco espirito e vocação militares da maioria dos dirigentes, a sua diminuta educação profissional, as suas poucas relações com a tropa, o seu ligeiro preparo pratico, a sua ignorancia a respeito de regulamentos tacticos e das aptidões dos nossos soldados e a sua falta de tirocinio de commando, escola onde se revelam os verdadeiros chefes, directores e organisadores, são outros tantos factores que concorrem para difficultar o ensino pratico.

Mesmo sem lei de sorteio, se a marcha dos negocios da guerra fosse sempre encaminhada no sentido da defesa militar da nação e com accentuado intuito profissional, outros aspectos apresentaria a instrução pratica do exercito.

Não se deve dizer nem se pôde provar que haja deliberado proposito em privar a tropa de receber uma instrução pratica completa, para tanto empregando-se processos velados com este designio; nota-se, porém, falta de vontade, animo, acção, resolução, decisão, coragem, actividade e energia em se dotarem as armas e os serviços com todos os regulamentos, pessoal e material indispensaveis ao preparo pratico para a guerra.

Adianta pouco distribuir alguns regulamentos de manobras sem ter pessoal e campo para manobrar, de tiro sem linha para atirar, de esgrima sem armas para esgrimir, de gymnastica sem apparatus, de equitação sem cavallos e etc. etc.

Regulamento, pessoal e material são elementos que raramente um corpo de tropa consegue reunir; a quantos, entretanto, se interessam pelo desenvolvimento da instrução, não escapa a importancia que elles possuem.

Os corpos empregam os melhores esforços para bem cumprir o regulamento interno, regularisar e aperfeiçoar a instrução mas soffrem pressão contraria. As reclamações pedindo os recursos que as leis e regulamentos concedem para ministrar o ensino pratico são, em geral, desattendidas ou então satisfeitas com lentidão e incompletas.

As reclamações a respeito de pessoal são diarias. E' exacto que com o actual processo de recrutamento jamais poderão ser attendidos de prompto, mas se não fossemos desprovidos de certas qualidades militares não se attingiria ao extremo, como tem acontecido.

Nesta guarnição em relação ao ensino pratico as cousas mudam um pouco de forma, visto os corpos conservarem mais ou menos os effectivos e os conselhos administrativos comprarem tudo quanto podem e precisam para instruir os officiaes e praças.

O regulamento de instrução e serviço interno de 1909 abriu uma phase completamente nova para as forças estacionadas nesta capital. Veio reaccender o espirito militar proximo a extinguir-se no seio da tropa; veio pôr em relevo os nossos velhos erros, defeitos e vicios e em evidencia a nossa ignorancia e atrazo em materia de ensino pratico e nos convencer do que precisamos fazer para obter tropas e instruil-as para a guerra. Com elle nasceu o habito do trabalho constante, intenso, fecundo e paciente que não tínhamos e ao qual hoje se deve o desenvolvimento e o progresso da instrução pratica das forças desta região.

A mania do emprego, porem, sustentada sem discrepância, perturba todas as tentativas feitas no sentido de systematisar e bem regularisar a distribuição do ensino. Aos defeitos da lei de recrutamento addicionem-se mais os maus costumes administrativos e as falhas da educação militar.

Presentemente existem empregadas nas diversas repartições da guerra um numero de praças superior ao *estado completo* de um batalhão de caçadores. Neste numero não está incluído o pessoal proprio do quadro de cada uma dellas, o qual, por sua vez, está em *differentes destinos*.

Ha praças empregadas no Senado, na Camara, em diversos ministerios e collegios civis, nas fabricas, typographias, laboratorios, pharmacias, arsenaes, collegios e escolas militares; têm ordenança effectiva os chefes civis das repartições da guerra, e os juizes civis do Supremo Tribunal Militar, todos os membros desta corporação pertencentes ao exercito, todos os generaes, officiaes superiores medicos, os auditores, pharmaceuticos, intendentes, veterinarios e dentistas.

A rotina e a irresolução conservam ainda com caracter permanente esta praxe condemnavel e obsoleta, quando para extirpal-a bastaria conceder ordenança diaria somente aos generaes e officiaes superiores em immediato contacto com a tropa, augmentar o numero de serventes nas repartições e ali não empregar nem um só soldado.

Não ficará exhausta a ponto de baixar ao hospital a autoridade que tomar uma medida severa tendente a acabar com um costume tão prejudicial á instrução.

Para que a instrução pratica possa aproveitar com a actual remodelação do exercito é necessario reformar costumes e modernisar velhos habitos rotineiros e absurdos.

E' certo que o *emprego* é um dos vicios administrativos mais enraizados no nosso exercito e por isso mesmo precisa receber um golpe energico qualquer, comtanto que seja vibrado com decisão e firmeza, por mão de mestre.

General Escobar.

Os Dois Boletins do D. G.

a) — Boletim do Exercito

O Regimento interno do D. G. (não nos consta a existencia de nenhum outro externo), datado em 27.6., pelo sr. general Marques Porto e aprovado por portaria de 23.7. (B. do Ex. 368 de 5.8), tudo de 1914, attribue ao chefe da G. 1, na letra i do artigo 8º: — «fiscalizar a organização do almanaque do Ministerio da Guerra e providenciar para que essa publicação seja sempre

feita dentro do 1º trimestre do anno, de maneira a ter inteiro cumprimento o que for determinado em *Boletim do Exercito*; e tambem, pela letra p: «recommendar ao encarregado do *Boletim do Exercito*, o maior cuidado em sua confecção, afim de não confundir em um só titulo assumptos de importancia que precisam ser discriminados em titulos differentes».

E cifram-se nessas duas referencias o que tem esse regimento dito com relação a esse órgão de publicação fundamental, não estando mesmo explicito por esse regulamento a quem compete assignar tal documento.

E' logico que isso caiba ao chefe do D. G., embora não esteja tal attribuição incluída nas que lhe dizem respeito e especificadas pelo art. 4º do regimento citado, o que se deprehendia, aliás, da alinea b) do § 1º do art. 10º do regulamento para os serviços geraes do Ministerio da Guerra de 30.10 (B. do Ex. n. 14 de 6.11), de 1909.

Seja como for, o facto é que o D. G. faz larga distribuição desse documento no seio do Exercito, não podendo tal órgão de publicidade official deixar de ser considerado como tal, para toda a corporação, devendo estar para esta na mesma relação de um boletim de brigada para as tropas dessa brigada. ou da ordem do dia regimental para o Corpo.

E' a elle, pois, que, normalmente, em toda época se tem recorrido e se recorrerá quando queira alguém inteirar-se de factos relativos á instituição, como sejam resoluções, regulamentos, modelos, etc., concernentes á instrução, aos serviços, etc.

Acredito não haverá duvida sobre o objecto de tal fonte de informações.

Entretanto, tem succedido, commummente até, que disposições importantes attinentes a serviços, á instrução, a regulamentos, etc., actos do Ministerio, enfim, têm sido omittidos nesse Boletim.

Nesse caso estão, por exemplo, os modelos para a escripturação dos corpos arregimentados, approvados pela portaria de 12-8-10, de que não dá noticia o Boletim em questão.

E para não ir mais longe, e não enumerar actos outros, basta salientar o facto do Aviso n. 13, de 26 de fevereiro deste anno, expedido ao chefe do Estado-Maior, (*Diario Official* de 5 de março), entendendo com a impressão do Boletim na «Imprensa Militar», em prazo nunca superior a 5 dias da data da entrega dos originaes, não ter sido publicado nesse Boletim, embora tal resolução lhe affecte tão intima e peculiarmente.

De modo que, em casos como esse, occorre a dispersão de trabalho pela necessidade de consultar, não raro, a outra fonte, que é o *Diario Official*, nem sempre possivel e á mão.

E' verdade que a «Imprensa Militar» faz bellas edições de elegantes folhetos de regulamentos e instruções organizados no Estado Maior. (*)

Comtudo, a lacuna fica existindo, tanto no presente, como mais sensivelmente no futuro.

O official que serve aqui na Capital, facilmente poderá fazer aquisições desses livrinhos.

O caso já muda de figura quando o official está numa guarnição remota.

Todos os que têm estado fóra daqui, do Rio, sabem, por experiencia propria, quanto lhes custa a obtenção mesmo de um almanaque militar.

Mas aos officiaes hoje em formação, isto é, aos aspirantes e alumnos do presente, é que mais fortemente se accentuarão os inconvenientes de taes omissões, quando baldada e infructiferamente recorrerem, mais tarde, aos Boletins, á cata dum aviso, dum regulamento, e tanto mais quanto desses livrinhos, talvez, haja, nessa epocha, apenas vagos indicios.

Ainda que, como renda, conforme autoriza a presente lei orçamentaria, a «Imprensa Militar» possa e deva facilitar a quem quizer, mediante remuneração, a aquisição de suas publicações, convindo até mesmo editar coisas antigas e de actualidade, como reeditar as esgotadas, embora isso, — é de indiscutivel vantagem e de imprescindivel necessidade que o órgão fundamental de publicidade do Ministerio consigne todos os actos promanados da alta administração.

Não pode haver subalternização do Estado Maior, do D. A. etc., ao D. G. pela simples circumstancia de um regulamento por aquella Repartição organizado, de um aviso ou circular, expedidos a esse outro departamento, etc., serem publicados no Boletim, que, por força, tem mesmo que reportar-se ao expediente da respectiva secretaria de Estado, sem implicar, nem por isso, menos independencia desta.

b) — Boletim interno do D. G.

Além do Boletim do Exercito, órgão mediante o qual o Departamento da Guerra, em nome do Ministro, daria conhecimento ao Exercito de todos os actos dimanados da alta administração, além dos privativos desse Departamento, ha ainda, talvez um pouco conservado pela tradição, o boletim interno, duplicata antecipada do anterior, tambem como este assignado pelo chefe do D. G., versando sobre factos que devam figurar no primeiro.

Dizemos talvez um pouco conservado pela tradição, porque no Regimento interno, já referido, nada vimos explicitamente relativo a tal documento, parecendo, portanto, ter deixado de vigorar no tocante ao D. G. o Regulamento para os serviços geraes do Ministerio da Guerra, já alludido tambem, segundo o qual, pela alinea b) do § 1º do artigo 10º ficava a cargo do gabinete da Repartição o boletim considerado.

De maneira que continuam a existir no D. G. esses dois boletins parallelos: um, que se diz *interno*, embora tambem produza immediatamente efeitos externos, pelo menos na 5ª Região, o que constitue uma excepionalidade, com relação ás demais, sem plausivel justificativa, pois, se a questão fosse de longitude, a 4ª Região, com séde em Niteroy, estaria no mesmo caso; e o outro, o do Exercito, que é o órgão normalmente por meio do qual devem as Regiões inteirar-se do que nelles se contém e lhes diz respeito, além do que importa ao proprio ministerio, mesmo consignando actos officiaes que devam constar dos relatorios annuaes.

Esse boletim, assim organizado, e assim considerado, constitue um repositório de inestimavel valor para a propria Secretaria da Guerra, o que aliás seria natural, tratando-se do principal órgão normal de publicidade do Ministerio.

(*) Taes publicações deveriam sempre indicar o Boletim do Exercito, como se procedeu com o folheto «Instruções para o Serviço de Metralhadoras Maxim 1912.

Posto isto, evidencia-se, sem maior exame, o inconveniente dessa dupla estrutura, sobressaindo a necessidade da abolição do mencionado boletim interno, por ser tal documento desnecessário, superfluo e até mesmo, deixem passar a expressão, um pouco perturbador da concatenação chronologica dos assumptos e actos officiaes.

Expliquemo-nos.

A 5ª Região, por exemplo, dando immediata publicidade a todos os actos officiaes mencionados no boletim interno, occasiona transcripções successivas nos boletins das brigadas da Região e nas ordens do dia dos corpos, de resoluções ministeriaes de toda especie, como sejam as que entendem com modificações e adopções de tabelas, de regulamentos, de planos de uniformes, etc., actos referidos nesse boletim.

Resulta dahi que só posteriormente vem o Boletim do Exercito fazer menção desses actos o que diffulta a acção de quem necessita positivar indicações, mesmo por exigencias de serviço.

E' certo que graças ao aviso recente, já referido, do actual ministro, os atrasos dessa publicação deixaram de ser proverbiaes de mezes e até de annos, mas o inconveniente não cessou, pois que as publicações anteriormente feitas no boletim interno, não permitem citações, por tratar-se de um documento cuja textura não é tornada publica ao Exercito, e a que nem sequer faz referencias o Boletim do Exercito.

Seria de desejar, portanto, que o D. G. se adstringisse a um unico boletim, ao do Exercito, por consequencia, mesmo que fosse quotidiano, um como que expediente diario, podendo a publicação respectiva ser feita de 5 em 5 dias como succede presentemente; publicação, porém, tornada de facto o orgão fundamentalmente intermediario entre a alta administração e os seus desdobramentos, inclusive a tropa, considerada fonte originaria de toda ordem de informações relativas ao complexo do Exercito, cuja legislação iria assim, em ordem, sendo corporalisada.

Tal coisa é tanto mais executavel agora quanto o recente aviso supra alludido poz o Boletim a coberto de atrasos, visto estar a "Imprensa Militar" compellida a imprimi-los em curto prazo estipulado.

Antes de terminar, tratando-se desse importante instrumento e que papel tão preponderante exerce nas ligações da tropa e dos serviços, é justo que lhe manifestemos o nosso apreço, que se traduz nas seguintes finaes observações.

A 1ª é com relação aos indices desses boletins. E' escusado querer salientar a utilidade de taes apanhados.

Não é raro, entretanto, virem esses indices com 2 e mais annos de retardação. Seria caso de solicitar providencias a respeito, se o aviso já dito não as tiver feito despertar.

A 2ª entende com a espessura do papel. Um papel de linho, bem fino, não perderia de resistencia com o seu adelgaçamento.

Traria isso a vantagem de não ficarem tão volumosas as encadernações annuaes, como vae succedendo cada vez mais, de anno para anno.

Acreditamos poder fazer-se isso sem accrescimento de despesas, ao contrario, obtendo economia, á custa de uma mais parca distribuição.

Com effeito, o Boletim do Exercito n. 374 de 5-9-14 regula a distribuição do n. de exemplares ás Repartições e Corpos, etc. Por ahi se

vê que 1 regimento de 3 batalhões ou grupos recebe 19.

Isso é muito.

As companhias, baterias e esquadrões, tudo incorporado, dispensam tal documento, que só lhes serve de augmentar a bagagem, com o decorrer dos annos.

A casa da ordem do batalhão ou grupo, recebendo-o, é o bastante, além dos destinados ás outras repartições do regimento.

Nas casas da ordem respectivas, os capitães poderão inteirar-se do conteúdo desses documentos, cuja distribuição é sempre dada em detalhe.

Por ultimo, não haveria inconveniente em que a numeração desse boletim fosse annual, independente de qualquer successão de chefe do D. G.

Aqui ficam registadas estas despretenciosas observações, que respeitosamente submettemos á esclarecida apreciação dss autoridades superiores.

1º Tenente *João Freire Jucá*

1º Regimento de Infantaria

ESTUDO SOBRE METRALHADORAS (*)

CAPITULO I

Principios fundamentaes de organização

D — Recrutamento e remonta

O recrutamento de officiaes e praças e a remonta ou recrutamento dos animaes para as unidades de metralhadoras, deverão merecer, daquelles a quem competir fazel-os, as mais desveladas atenções.

a) *Recrutamento dos officiaes.* — O recrutamento dos officiaes em geral e principalmente dos commandantes de unidades, quer na infantaria, quer na cavallaria, deverá ser feito sempre entre aquelles que, a par das qualidades requeridas commumente melhores provas tenham dado de actividade, iniciativa, pertinacia e calma, que possuam golpe de vista, intelligencia comprovada, conhecimento perfeito das propriedades e emprego tactico das demais armas e com especialidade da arma a que pertencem e que tenham aptidão para o tiro.

Guiadas por officiaes dotados no mais alto gráo dessas qualidades, que são as mais recommendaveis e recommendadas vulgarmente, não ha como contestar que as metralhadoras prestarão os mais assignalados serviços em todas as situações da guerra. Dirigidas, porém, por officiaes inactivos, incapazes de tomar uma deliberação qualquer sem que se firmem para isto

(*) N. da R. — Continuação dos ns. 7, 8, 9, 11 e 13.

em ordem recebida, inobstinados e sem a necessaria calma para affrontar situações difficeis e levar a bom termo a missão que lhes esteja confiada; officiaes desajudados inteiramente do indispensavel golpe de vista para a habil utilização do terreno e o emprego de sua arma em harmonia com os factos que se passarem em sua zona de acção, e que não saibam com segurança, finalmente, onde, quando e como secundar as outras armas ou que descreiam, como diz o commandante D. Genova, de que "unicamente tenendo todos los officiales un cabal conocimiento de las propiedades de todas las armas de combate, es possible aspirar al acertado empleo de la propia de cada uno, contribuyendo á la acción de las demás en la offensiva, y neutralizando el efecto de todas en la defensiva", as metralhadoras transformar-se-ão em presas faceis do inimigo e não tardará a esbarrondar-se todo o seu prestigio ao peso das mais duras recriminações e das mais crueis desconfianças.

Tratando da escolha de officiaes para unidades de metralhadoras de cavallaria, eis como se expressa o capitão Cesbron-Lavan em sua obra citada: «O official metralhador deve ser um *cavalleiro* em toda a accepção do termo e a mais ampla. Couraceiro, dragão ligeiro, metralhador a cavallo, é mistér que este joven chefe tenha a alma e o sangue de um cavalleiro. Ousaremos dizer mesmo que elle deve possuir todas as qualidades requeridas em um chefe de cavallaria... antes de o ser. Olho de lynce, faro de raposa, ouvido de rato, vertebra de serpente, azas de abutre, coração de leão, pernas de cervo... tal deve ser o composto bizarro e não obstante racional desse ser de excepção, se quizer estar á altura da sua nobre missão sem outros limites que os do dever rapidamente concebido, logo cumprido, sem outra linha traçada que a scentelha electrica." E logo adiante, para que o não acoimem de exagerado, accrescenta o capitão Cesbron que, effectivamente, o official metralhador de cavallaria deve ser uma especie de super-homem, attendendo á "super-elevação de temperatura moral que lhe é necessaria, junta a um sangue frio de varios grãos abaixo de zero, a tensão prodigiosa de todos os seus nervos, de sua vontade, de seu genio, a effervescencia de temeridade que deve levar a bom termo a sua generosa empresa, tal

"a Loucura guiando o Amor" o "Amor forte como a Morte".

Na França, a escolha dos tenentes commandantes das secções de metralhadoras é feita pelos commandantes de corpos, conforme preceitua o regulamento approved pelo Ministro da Guerra a 25 de Novembro de 1912, em seu tomo primeiro (*manobra e tiro*), capitulo segundo (*bases da instrucção*) e art. 3º (*escolha do pessoal*). Esta escolha porém, não póde recahir indistinctamente sobre qualquer tenente, porquanto o mesmo regulamento assim se exprime nos citados tomo, capitulo e artigo com relação ás qualidades que devem possuir os chefes de metralhadoras: "Mercê da potencia do seu fogo, a metralhadora constitue para a infantaria um auxiliar precioso; mas o seu emprego é delicado e exige um pessoal exercitado, commandado por um chefe que tenha golpe de vista, decisão, julgamento seguro e muita iniciativa."

Tambem na Russia, o recrutamento dos officiaes commandantes de unidades de metralhadoras só pode ser feito entre aquelles que satisfaçam determinadas condições e não arbitrariamente, como se costuma proceder em alguns exercitos. Em 1901, por exemplo, tendo sido constituidas nesse paiz, por uma duração de tres annos, cinco companhias de metralhadoras adstrictas a divisões de infantaria e a uma brigada de caçadores, logo que terminou o praso da experiencia, o prikaz de numero 552, de 13 (26) de Setembro de 1904, precisando a organização das companhias, absolutamente não esqueceu de recomendar que os referidos commandantes, nomeados por prikaz mediante proposta dos generaes de divisão, fossem escolhidos entre os mais dignos commandantes de companhias de infantaria ou entre os candidatos ao commando de uma dessas companhias que se mostrassem mais familiarizados com as questões de tiro. Em 1906, tendo flcado irrefutavelmente demonstrado com a experiencia da campanha mandchuriana, que a organização divisionaria das companhias de metralhadoras não correspondia ás exigencias da guerra, quer do ponto de vista do material empregado, quer do ponto de vista da constituição das unidades, o prikaz de numero 684 de 23 de Novembro (6 de Dezembro) de 1906 abrogou o regulamento que baixára com o prikaz de n. 552, e creando destacamen-

tos em cada corpo de tropa, novamente prescreveu que os commandantes de destacamentos, sendo escolhidos entre os officiaes subalternos que tivessem, no minimo o posto de primeiros tenentes, o fossem entre os que mais meritos possuissem. Por fim, com as disposições tomadas em 1911 e 1912 para uma nova organização dos destacamentos de metralhadoras de infantaria e instituição de exercicios regulares de conjuncto destes destacamentos, foram mantidas estas exigencias e ficou estabelecido que um official superior ou um capitão designado pelo coronel exercesse a inspecção do destacamento, cujo commando directo seria exercido por um capitão suplementar ou um primeiro tenente, e que os jovens officiaes, antes de receberem o commando de uma secção, tivessem servido tres annos, quando mais não fosse, em uma companhia de infantaria.

A organização militar suissa, por sua vez, não permite que aspirem ao commando de suas unidades de metralhadoras de cavallaria senão aquelles que tenham commandado, durante um periodo minimo de dois mezes, um esquadrão e cujo merecimento paire ácima de qualquer duvida.

b) Recrutamento das praças.—Para o recrutamento das praças simples, os commandantes dos regimentos de infantaria e cavallaria e os commandantes dos batalhões de caçadores procurarão, tanto quanto possivel, homens que saibam ler e escrever, reconhecidamente ageis, particularmente vigorosos attendendo aos esforços prolongados que lhes cumpre despendar em multiplos serviços das metralhadoras, dotados de boa vista e bons atiradores, affeitos em sua vida civil ao manejo de machinas, que sejam calmos e tenazes, “porque a metralhadora por si só, por seu tiro nervoso, predispõe á febrilidade e á perturbação”, conforme observa o tenente-coronel Anisimow, do estado-maior russo, em seu pequeno livro *As metralhadoras*, destinado ao curso das escolas militares e da escola de *yunkers* de Petrogrado (Tchugniev 1906), e que sejam engajados ou que tenham passado a prompto do ensino de recrutas.

Quanto ao recrutamento dos graduados e officiaes inferiores, é de inteira necessidade que seja feito sempre dentro da propria unidade e entre aquelles que, alem de exemplar conducta, exhibirem, em concurso, maior somma de conhecimentos em todas as partes da instrucção.

“Cuanto más perfecta és uná maquina (observa o commandante D. Génova) és indudable que exige un personal más idoneo para su manejo, si se ha de obtener de ella todo el resultado que hay derecho á esperar. Asi, pues, las metraladoras, aun que por su misma perfeccion son armas de un manejo sencillissimo, requieren unos servientes muy instruidos para que non se conviertan em máquinas de descargar cartuchos, pudiendo ser um poderosissimo auxiliar del fuego de fuzil”.

Não tenho dados positivos para asseverar sobre ser ou não ser o recrutamento de praças para as unidades de metralhadoras em todos os exercitos das principaes potencias estrangeiras, feito sob a égide do rigor que estabeleço. E’ de crer, porem, attendendo ao alto carinho nelles dispensado a todos os detalhes de organização, que esse rigor não seja, de maneira alguma, esquecido.

Na Austria, na França, na Russia e na Suissa, pelo menos, posso garantir que está determinado o maximo escrupulo na escolha de seus metralhadores.

Na Austria, em sua exposição de motivos sobre a organização e repartição das secções de metralhadoras, publicada em 1908, o departamento da guerra, referindo-se ao recrutamento das praças, proclamava francamente que o preço elevado do material, a exiguidade do effectivo e a importancia tactica da secção de metralhadoras exigiam que o seu pessoal fosse constituido de homens intelligentes, vigorosos, instruidos e bons apontadores.

Na França, o recrutamento dos metralhadores é feito consoante as seguintes prescripções do referido *Regulamento para as secções de metralhadoras de infantaria* de 25 de Novembro de 1912, tomo primeiro, capitulo segundo e artigo terceiro: “Os sub-officiaes adjunctos são recrutados entre os sub-officiaes engajados que tenham seguido os cursos de uma escola de applicação sobre o tiro. Os cabos e soldados titulares são escolhidos entre os militares que tenham terminado sua instrucção e que ainda estejam sujeitos a um anno de serviço pelo menos. O serviço da metralhadora em consequencia dos esforços prolongados que o pessoal tem de empregar durante a manobra, exige homens particularmente vigorosos e que tenham, tanto quanto possivel, a altura de 1m., 65. Serão designados para apontadores os solda-

dos de excellente vista e reconhecidos bons atiradores. Para cada uma das funções de sargento, cabo ou soldado, previstas para o tempo de paz, é designado um titular e um substituto pertencentes a uma classe de mobilisação diferente, afim de que exista em qualquer tempo uma secção composta de elementos instruídos e treinados. Os substitutos são escolhidos tres mezes depois da incorporação, tempo este necessario para que se possa observar a sua aptidão especial. Elles continuam em suas companhias e são chamados a tomar parte na instrução especial das secções de metralhadoras nas condições determinadas pelo commandante de corpo, de maneira que as secções de metralhadoras sejam em qualquer tempo mobilisaveis."

Na Russia, em obediencia ao citado prikaz de numero 684 e ás citadas disposições tomadas em 1911-1912, os homens de tropa dos destacamentos de metralhadoras são escolhidos no mez de Abril, segundo a incorporação, entre todos os homens do regimento, de tres a seis por companhia, que saibam, sendo possivel, ler e escrever, dotados de boa vista e já familiarisados com os principios de disciplina. Durante o estio, estes homens continuam a fazer parte da sua companhia, mas ficam preparados para passar ás metralhadoras na época da liberação da classe, incorporando-se então ao destacamento o numero de homens necesarios ao seu estado completo e ficando os demais em suas respectivas companhias como supplementares, para o preenchimento das vagas que se produzirem no decorrer do anno ou satisfazer as necessidades de uma mobilisação. Os graduados e os sub-officiaes são constituidos das praças simples dos destacamentos que tenham seguido com aproveitamento os cursos dos pelotões de instrução das metralhadoras.

Na Suissa, salvo decisão posterior a 1904, não podem ser recrutados para as unidades de metralhadoras, senão homens fortes, dotados de boa vista, bons atiradores e déstros, e que tenham frequentado uma escola especial durante noventa dias.

Entre nós, infelizmente, as companhias de metralhadoras, como aliás as outras armas, em consequencia da classica escassez e da pessima qualidade do nosso voluntariado, são constituidas de soldados em quasi sua totalidade, que não satisfazem a um reduzidissimo numero sequer

das condições especificadas para a formação das metralhadoras, e de anspeçadas, cabos e sargentos algumas vezes promovidos dentro na propria unidade, mas outras vezes transferidos de armas diferentes.

Este systema de recrutamento para os nossos metralhadores, unico talvez no seu genero, tem sido uma das causas primicias de não termos tido, até hoje, a despeito dos esforços empregados em prol da instrução pelos commandantes e demais officiaes, uma só das nossas companhias perfeitamente apta para o desempenho da sua valiosa missão. E esta affirmativa eu a faço sem receio de vel-a contestada, porquanto, com ser igual para todas o systema de recrutamento, é ella apoiada pela observação que tenho feito durante um periodo superior a quatro annos em que sirvo na primeira companhia de metralhadoras e que tive o feliz ensejo de fazer quando organizei e instrui, como disse, a quinta companhia dessas armas.

c) *Remonta*.—A remonta ou recrutamento dos solípedes nas unidades de metralhadoras de infantaria e cavallaria deverá ser feita em identicas condições ás que já estiverem estabelecidas para as tropas montadas em geral.

E' muito recommendavel, e tem sido muito acceita em grande numero de exercitos, para o transporte do material relativo ás secções e companhias de metralhadoras de infantaria, a escolha do muar, em detrimento do cavallo, destinando-se este tão somente á montada dos officiaes. Este facto é perfeitamente justificavel, pois são universalmente conhecidas as excellentes qualidades do muar, e dellas tem tirado admiraveis e reaes proveitos a experiencia indiscutivel dos nossos valentes e operosos sertanejos.

Animal teimoso, porem, intelligente, o muar é proverbialmente sobrio, mais resistente nas marchas em caminhos difficeis e mais facil de alimentar do que o cavallo, resiste admiravelmente ás fadigas e ás intemperies inevitaveis nos paizes quentes, supporta resignadamente a fome e a sede durante muito tempo, é dotado de grande força muscular e tem os membros sufficientemente firmes, sendo por este motivo precisamente apto para as operações em terrenos montanhosos. Alem disso, como diz ainda Vallon em seu — *Cours d'hippologie*, o muar é muito menos sujeito a molestias do que o cavallo.

Não se póde contestar, e tentar fazel-o seria singular, que o muar, sobre faltar-lhe a graça encantadora do cavallo, não é dotado de grande rapidez de movimentos e da preciosa agilidade. Se esta insufficiencia de rapidez e agilidade, porém, constitue razão de sobra para que se proscreeva para todo o sempre a idéa de intromettel-o nas unidades de metralhadoras de cavallaria, o mesmo não acontece na infantaria. As secções ou companhias de metralhadoras devendo limitar-se a acompanhar a marcha relativamente lenta da infantaria e accrescendo que os metralhadores vão a pé, a presença nellas de muar só lhes poderá ser eminentemente proveitosa, attendendo ás brilhantes qualidades que se encontram condensadas, como vimos, nesse animal.

Acerca das condições que devem reunir os solípedes de sella, carga e tiro, cavallos ou muares, particularmente destinados ás secções, companhias ou pelotões de metralhadoras, julgo-me dispensado de enumeral-as aqui, porque aos profissionaes encarregados da remonta é que cumpre naturalmente esmerar-se por conhecel-as e ainda mais por exigil-as.

Na Allemanha, em 1904, foi prescripto que o recrutamento de animaes para as suas companhias de metralhadoras de infantaria se fizesse nas baterias de artilharia de campanha.

Na Austria, por ocasião de ser dado um character permanente e definitivo aos seus destacamentos de metralhadoras, por uma resolução imperial de 26 de Dezembro de 1907, ficou estabelecido que só lhes fossem incorporados os cavallos ou muares, por ordem ministerial, depois de terem permanecido um certo tempo nas tropas montadas, sendo extensivo á obtenção de seus cargueiros o systema dos animaes *em deposito*, em uso na cavallaria. Este systema consiste em depositar, a seguir alguns mezes de adextramento, um certo numero de animaes em casa de particulares residentes nas proximidades da guarinição e requisital-os quando seja preciso, tornando-se os particulares proprietarios seus, findos cinco ou seis annos.

Na Russia, em 1904, o recrutamento dos animaes destinados ás companhias de metralhadoras, organisadas pelo prikaz de 13 (26) de Setembro, se effectuou como na artilharia. Em 1906, o prikaz 684 estabeleceu que os solípedes fossem recrutados

como os do trem e de preferencia, entre os animaes de albarda.

Na Suissa, em 1904, foi determinado que os solípedes das unidades de metralhadoras proviessem da artilharia e do deposito de remonta.

Foram estas as unicas informações que consegui colligir sobre a remonta nas unidades de metralhadoras estrangeiras, pois a quasi totalidade dos trabalhos que acerca dessas armas tem apparecido no nosso meio, não cogitam, não só desta, senão tambem de outras muitas questões de importancia capital.

No Brasil, o systema de remonta adoptado nas companhias de metralhadoras tem sido o da compra a particulares, e os solípedes nellas empregados, desde a organização da primeira destas unidades, o cavallo para montada dos officiaes e o muar para o transporte das metralhadoras e material correspondente, das marmitas-cosinhas e tracção dos carros e viaturas.

Se bem que pequenos commummente, pois a sua altura média, como acontece com os que possui presentemente a primeira companhia, não excede de 1,^m34 os muares entre nós tem dado magnificos resultados.

A guiar-me pelo que tenho fartamente observado, fustigue-os a impiedade do mais rude calor ou a inclemencia do mais intenso frio, açoite-os nas marchas a mais impiedosa chuva ou a mais densa poeira, tomem-lhes a frente as mais ingremes subidas ou o mais cerrado matto, depareme-se-lhes as estradas que perlustram, pontilhadas de pedras, acamadas de areia ou ensopadas de lama, — inspira pasmo vel-os durante os mais longos percursos com o dorso levemente arqueado ao peso da carga ou sulcadas as ilhargas, muitas vezes, ao arrocho dos tirantes retezados, firmes e resignados, bastando que os revigore nos momentos mais difficeis a voz dos conductores.

Agora mesmo, tendo percorrido, durante os sete mezes em que estive em operações de guerra contra os bandoleiros do sul, commandando a 2.^a secção de metralhadoras da 1.^a companhia, uma distancia superior a trezentos e sessenta e dois kilometros, accrescendo ser o territorio percorrido inimaginavelmente accidentado e coberto, tive mais uma vez o feliz ensejo de certificar-me do valor do muar em geral e do nosso em particular.

2.^o tenente *João Pereira de Oliveira*.

Da 1.^a companhia de metralhadoras

Necessidades urgentes

Collegios militares — Aspirantes — Escolas praticas: unidades modelos — Ministerio da Fazenda.

Coincidindo com o projecto Mario Hermes, que passa para outro ministerio os collegios militares, noticiam telegrammas de Porto Alegre que certo delegado de policia foi aggreddido por um alumno do Collegio Militar d'alli.

Já se vê que se trata de um *pequeno* bem grande, desses que por ahi andam, espadaudos e barbados aos treze ou quatorze annos de idade.

Ora, quando se reconhece que os collegios militares não correspondem a uma necessidade imprescindivel do Exercito actual, conclue-se, forçosamente, que é preciso fechal-os, para que o orçamento da Guerra seja um apanhado exacto do que se gasta com a engrenagem militar em que assenta a nossa soberania.

Para preparar gerações de bachareis, de futuros officiaes de marinha, de paisanos letrados e raros alumnos para as escolas militares, bastam as escolas regimentaes, reformadas no sentido de dar a cada materia um professor, tirado da propria officialidade do regimento.

A presença de filhos de officiaes nas aulas contribuiria para que cada qual se interessasse mais na escolha dos professores, resultando d'ahi uma grande vantagem para as proprias praças.

Rompendo francamente com a rotina, começaremos o novo Exercito, já que o velho rolou para os limbos do passado e todo o mundo reconhece que a Nação está sem defesa.

*

Depois dos collegios militares, cabe a vez aos nossos aspirantes. Esses novos camaradas, sahidos da Escola Militar com os cursos de infantaria e cavallaria — d'aqui por deante sahirão apenas com o curso de uma arma — vão servir em toda parte, excepção feita, talvez, do corpo de saude. D'ahi resulta um prejuizo não pequeno para a arma a que virão a pertencer mais tarde, ao serem promovidos ao primeiro posto.

Não ha duvida que um aspirante traz, ao sahir da Escola, valioso cabedal theorico, mas isto de nada vale na vida pra-

tica — cada vez mais exigente no que diz respeito a especialisações.

Mas, si houver alguém que pretenciosamente julgue que «infantaria todos sabem», facil é demonstrar a fragilidade dessa ingenua theoria indigena, á frente de uma companhia de verdade. E' procedendo, finalmente, como procedem os aspirantes que se arregimentaram no 2º Regimento e noutros corpos de infantaria que se hão de formar officiaes para esta arma.

Na escola militar forma-se o *dilettante*; o *troupier* forma-se nos quarteis, abordando todos os dias as variadas questões de sua arma, em contacto com os camaradas mais praticos.

As linhas acima não visam este ou aquelle; quem as escreve não conhece nem de nome os aspirantes que podem ser atingidos por ellas. Baseam-se numa convicção antiga, nas palavras da nossa mais alta autoridade militar, por occasião dos exames de companhias de um dos nossos Regimentos, em opiniões ouvidas a officiaes de destaque n'outras armas, e mesmo no bom senso.

*

Aos aspirantes segue-se, naturalmente, a questão do ensino pratico nas escolas militares. Convem, talvez, enveredar por outro caminho.

Organisada modelarmente a primeira unidade de cada arma, os alumnos que concluíssem o curso theorico iriam para a sua unidade modelo, frequentando em certas especialidades (em equitação, por exemplo) a instrução dos outros corpos.

Approvados que fossem, no fim desse anno pratico, seriam declarados aspirantes, de que gosariam todas as vantagens quando arregimentados na respectiva arma.

Isso significaria ainda uma absoluta prohibição de empregar aspirantes — gente que faz as primeiras armas — em qualquer repartição militar.

*

Abordando a outro assumpto não menos importante, si bem que de pouco effeito, convem tratar aqui do *exercito colonial*, isto é, das tropas que estacionam fóra do Rio de Janeiro e cujas necessidades, geralmente desconhecidas aqui, são avaliadas pelas faltas, de certo modo tão pequenas, da guarnição da Capital Federal.

Puro engano! O *exercito de fóra* ainda vive só para serviços policiaes, á disposição do ministerio da Fazenda.

Ainda agora estes olhos viram quadros bem tristes!

Lançando alguém um olhar para as guardas que recolhem em Porto Alegre hade ter a sensação dolorosa e plena do martyrio da pobre soldadesca, insufficiente para as exigencias do serviço extenuante.

Vêm tropegos, desfigurados, com os uniformes em desalinho, armas cruzadas nos hombros como se pesassem uma tonelada... E quem pensar que essa gente vae entrar de folga, engana-se redondamente: vae apenas trocar de uniformes e fazer outro serviço. Não é possível, por isso, dar-lhes sinão raros exercicios e assim mesmo... como!

D'ahi, faltar-lhes o aprumo que distingue ordinariamente o soldado, faltar-lhes o garbo, as apparencias exteriores, sumidas num turbilhão de maguas e cansaços. E o pobre tabaréo de Alagôas, do Piauh, desse Norte todo, tão pobre mas tão genuinamente brasileiro, lembra-se ás vezes que um dia, dos raros dias de exercicio, um tenente lhe falara de uma cousa muito confusa chamada «Patria» e pensa, lá com os seus botões, na vida. Medita e chega á conclusão de que a tal «Patria» foi feita só para os paisanos felizes que entram na *Delegacia* (*) e vão contar dinheiro de cigarro ao queixo, para o preto servente que varre algumas taboas do assoalho e que chega quasi sempre ás 11 horas, com os olhos inchados de dormir, enfim, para os que nunca deram sentinella em madrugada de inverno, sob as rajadas de um vento que corta como navalha...

No entanto, nós não perderíamos tempo em escrever taes cousas só pelo gosto de despertar maguas adormecidas: é que muito se pode esperar do actual ministro da Fazenda. O Dr. Calogeras sabe tão bem como nós o que deve ser um exercito.

Uma redução de 500 homens no orçamento da Guerra talvez dêsse para cobrir as despesas a serem feitas com gratificações especiaes aos empregados subalternos das repartições da Fazenda, quando montassem guarda, á noite, aos respectivos edificios. Assim procedem os bancos e grandes casas commerciaes.

Quem conhece o que vae pelo Brazil a fóra sabe que isso vale quasi tanto como o proprio sorteio, que traz para os quartéis uma parte da propria Nação, a que

devemos ensinar o manejo das armas e não os meneios do *casse-tête* policial.

Recapitulemos, afinal: os collegios militares pesam no orçamento da Guerra, desfalcam os corpos de seus officiaes e já não correspondem a uma necessidade do Exercito, pelo que devêm ser extinctos; os aspirantes não devem servir sinão na arma a que definitivamente hão de pertencer, arregimentados; devem ser creados regimentos modelos, escolas praticas ou de applicação; o Exercito deve ser empregado apenas em fins militares, como escola do povo e não na guarda de edificios publicos quaesquer.

*

Da nossa parte, não obstante todas as difficuldades, cabe-nos oppôr a maxima resistencia ás idéas perniciosas do meio em que vivemos. E quem sabe o que se diz nos quartéis, o que se diz nas ruas, o que se diz em toda parte, sabe tambem o que vale essa resistencia aos olhos de todos.

Dentro do Exercito, por exemplo, os homens energicos são queridos e lembrados sempre.

Os nossos intuitos honestos e a nossa energia serão um dia comprehendidos.

F. Paula Cidade.

2º Tenente

Questões á margem

Das «Cartas» de Griepenkerl

(Continuação)

VIII. Ordem de enumeração das unidades

O art. 55 do R. S. C. prescreve a ordem segundo a qual devem ser enumeradas as tropas na «distribuição» e omite as c. l. m.

Esse mesmo art. conclue: «Quando a ordem de marcha é especificada na ordem escripta as tropas são *ahi* enumeradas...

— E' n'este *ahi* da traducção franceza do R. S. C. que está a causa da obscuridade. Ha erro de traducção. O que o R. allemão diz é que quando a ordem escripta prescreve a *ordem de marcha* as tropas são enumeradas segundo a sua precedencia na columna. Quando não se prescreve a ordem de marcha então a enumeração das tropas é feita apenas por ordem de armas, segundo a precedencia consagrada, exposta no citado art.

(*) O Calvario da guarnição de Porto Alegre.

55. E' por isso que n'esse caso não se destacam as c. l. m., na enumeração da tropa, porque ellas são parte integrante dos grupos de artilharia.

A proposito de ordem de marcha convem fazermos presente o art. 365 do R. S. C.:

«Para a ordem de marcha a consideração determinante em primeira linha é o emprego presumível das tropas.

Assim deve marchar, em regra, como primeiro elemento do grosso a infantaria do mesmo regimento ou da mesma brigada da que vae na vanguarda. A artilharia de campanha irá tão na frente quanto o permitta a sua segurança e o exija o seu emprego no combate. Em circumstancias especiaes pôde ser conveniente intercalar companhias ou pelotões de infantaria nas longas columnas de artilharia. Segue-se a massa da infantaria, etc. As c. l. m. da artilharia de campanha marcham, em regra, atraz da infantaria da divisão podendo entretanto ser dispostas mais avançadas na columna, até mesmo, em parte, na vanguarda...»

O mesmo art. 55 em seguimento á reticencia onde acima se interrompeu a transcrição, diz: «os diversos elementos da repartição das tropas (grosso, vanguarda, etc.)» são então seguidos da menção: «ao mesmo tempo ordem de marcha».

Pareceu ao consulente que essa menção deve vir nos diversos elementos.

— Essa interpretação decorreu naturalmente do erro de tradução acima corrigido. Aliás essa questão é esclarecida pelo art. 364: «A ordem de marcha dos elementos de segurança (vanguarda, etc.) é em regra estabelecida pelo seu commandante; entretanto, para simplicidade da emissão das ordens, ella pode ser prescripta pelo commandante do todo (isto é, da força de que esse elemento faz parte).»

IX. Limitação do objecto das ordens

Uma das condições a que uma ordem de operações deve satisfazer é não conter disposições antecipadas, prescripções relativas a factos considerados como prováveis, supposições, etc. (Primeira Carta, pagina 16 e 17.)

Por outro lado, conclue o 2º periodo do § 1º da pag. 17: «E' da maior importancia que os subordinados immediatos conheçam perfeitamente, salvo raras excepções, o fim que o signatario da ordem tem em vista, etc.

— O art. 49 do R. S. C., em seu primeiro periodo esclarece as duvidas que parecem ter assaltado o consulente:

«Toda ordem deve conter tudo, e nada mais, que o subordinado precise saber para poder agir com autonomia afim de realizar o objectivo.»

Convém completar a leitura do art.:

«N'essa conformidade a ordem deve ser curta e clara, precisa e completa, e mesmo adaptada ao entendimento do destinatario, ás vezes, até ao seu temperamento especial.»

O primeiro periodo do art. 50 completa o assumpto: «As ordens devem principalmente abster-se de detalhes quando fôr possível uma mu-

dança da situação antes d'ellas virem a ser executadas.»

Fonte da outra recommendação de Griepengerl, acima citada, é o art. 53 ultimo periodo:

«Uma ordem de operações raramente comportará supposições e esperanças, nunca porém qualquer fundamentação das medidas ordenadas ou prescripções detalhadas para varios casos considerados prováveis.»

Quanto ás *raras excepções* acima citadas pelo consulente, temos um exemplo no art. 58: «As disposições a tomar, caso se imponha a retirada só se confiam reservadamente aos commandantes immediatos.»

Cabe aqui o seguinte resumo das generalidades sobre ordens:

Clareza e precisão; laconismo sem prejuizo da clareza.

Só ordenar aquillo cuja exequibilidade se preveja com segurança.

Não dar ordens de excessivo alcance, nem prevendo muitos casos.

Nada de fundamentações, expectativas, supposições, conjecturas, possibilidades, receios.

Imaginar o ponto de vista e o entendimento do destinatario. Examinar que não haja falsa interpretação possível.

Designar bem claramente o objecto da ordem. Deixar ao subordinado a escolha dos meios de execução. Não invadir sua esphera de attribuições.

Nada de expressões dubias, que não dão idéa clara do que o subordinado deva fazer e deixam-n'o vacillante.

Reler as ordens escriptas antes de emitil-as e fazer lê-las pelo receptor.

Fazer sempre repetir as ordens dadas verbalmente, não se contentando com o «sim, senhor!»

Comparar a hora.

X. Base e espirito da iniciativa

Ainda sobre o mesmo periodo transcripto em segundo lugar no caso precedente (pag. 17, 6ª linha), pergunta o nosso pressado consulente:

a) se os regulamentos dispõem sobre essa attribuição, ou melhor, imperioso dever de agirem os subordinados principalmente de accôrdo com o espirito da ordem recebida, até mesmo, de encontro á sua lettra expressa, quando as circumstancias o exigirem; quaes são esses regulamentos, e onde se acha semelhante dispositivo?

— Os Regulamentos de Exercícios de todas as armas, na parte «O Combate» consagram o principio da iniciativa.

Diz o R. E. I. art. 276: «A autonomia dos chefes subordinados não deve tornar-se arbitrio. A iniciativa, fazendo valer-se em seus justos limites, é o fundamento dos grandes successos na guerra.»

E no art. 304: «A mais distincta qualidade de commando é a coragem da responsabilidade.

Seria mal entendido procurar-a em resoluções tomadas sem attender ao todo, ou em não cumprir escrupulosamente as ordens recebidas, substituindo á obediencia a presumpção de saber melhor.

Porém, nos casos em que o subordinado se

convença que o chefe do qual emanou uma ordem não podia julgar sufficientemente as circumstancias, ou onde os acontecimentos antecipem as ordens, torna-se obrigação modificar ou não cumprir as ordens recebidas e d'isso dar parte ao chefe.

Pelo não cumprimento da ordem cabe-lhe a inteira responsabilidade.

Um chefe sem medo da responsabilidade não recuará de empenhar a sua tropa sem contemplanções, ainda que seja duvidosa a sorte do combate.

Todos os chefes devem ter sempre presente e inculcar aos seus subordinados que a omissão e a negligencia constituem mais pesadas culpas do que o erro na escolha dos meios.»

A mesma coisa dizem os art. 399 do R. E. C. e 387 do R. E. A.

Vêr no nosso R. E. I. 1914 os artigos 303 e 332, paginas 114 e 122.

b) se a expressão «subordinados immediatos» comprehende para esse effeito sómente aquelles que de facto o são em relação ao chefe, ou estende-se a todos os subordinados.

— Esse principio da iniciativa, encarado com a significação racional que os regulamentos lhe definem, abrange todos os subordinados, qualquer que seja a sua fracção de commando, em presença dos casos que exijam actos cuja execução não possa depender de esperar ordens.

c) Se a intenção do chefe é dada a conhecer pela sua ordem de operações, e se esta funda-se na situação geral cuja apreciação lhe cabe, como pôde um subordinado agir de maneira differente da que lhe foi prescripta?

— Responde o § 2º do art. 304 do R. E. I., acima transcripto: «Porém nos casos em que o subordinado se convença, ... Pelo não cumprimento da ordem recebida cabe-lhe a inteira responsabilidade.»

XI. Trens regimentaes ou bagagem

Encontra-se na 2ª Carta, pag. 30, § 5º:

«Para commandar o trem regimental em campanha um official subalterno de cavallaria ou do trem é destacado para cada regimento. (S. C. 443).»

Indo á fonte indicada lá se encontra além dessa disposição mais a de que o commando e fiscalisação do trem regimental do quartel general da Divisão cabe a um capitão.

Este artigo acha-se no capitulo: «Bagagem». Distingue-se a *bagagem de combate*, constituída pelas viaturas e animaes accessorios que devem acompanhar a tropa mesmo no combate, e a *grande bagagem*, da qual a tropa só precisa no estacionamento. E' o que entre nós se tem designado como trem de combate e trem de estacionamento ou trem regimental. Parece que haveria vantagem para a simplicidade da linguagem e claresa das expressões conservando a designação da primeira categoria e chamando a outra simplesmente «bagagem», de accôrdo mesmo com a noção vulgar.

Esse serviço entre nós está por definir.

Em cada corpo o intendente dirige o serviço de transporte de toda a bagagem da unidade e attendendo mais de perto ao abastecimento.

— Por mais numeroso que seja o quadro de intendentes e por operosos que sejam todos elles é inteiramente impossivel em campanha ou simplesmente em uma manobra de grande unidade elles se desdobrarem a ponto de provêrem a contento as necessidades ineluctaveis do serviço de subsistencia da tropa.

Por isso no exercito allemão cuida-se com a maxima attenção de preparar os officiaes subalternos para desempenho desse difficilissimo serviço. Nomeiam elles um «official de subsistencia» (*Verpflegungsoffizier*) para cada quartel general de corpo de exercito, para cada *batalhão* de infantaria, cada regimento de cavallaria, grupo de artilharia etc. Diz a respeito o art. 446 do R. S. C.: «Na tropa o serviço de subsistencia é provido segundo as ordens dos commandantes, pelos *officiaes de subsistencia* com o seu pessoal auxiliar (sargentos e praças para isso designados). Os intendentes auxiliam-n'os.

As attribuições dos officiaes de subsistencia são: receber, comprar ou fazer as requisições dos viveres e necessarios de bivac. Dirigir a carneação, fiscalisar o trafego das viaturas de subsistencia da tropa entre esta e a estação pagadora, o carregamento e repartição dos viveres, o funcionamento das viaturas-cosinhas. São responsaveis pelo andamento regular de todo o serviço de subsistencia da tropa, inclusive dos furrieis (sargentos, auxiliares do serviço) e demais pessoal auxiliar.»

Creou-se agora, com a remodelação, uma «Companhia de Administração» divisionaria, com effectivo para o comboio administrativo. Está tudo meramenie no papel, é triste verdade, mas nem por isso deixa de se accentuar a necessidade de se definirem as respectivas attribuições.

E' preciso notar que entre nós o problema se complica sobremaneira, dada a diversidade e difficuldades topographicas.

As operações do Contestado mostraram que não é possivel fazer repousar sobre viaturas qualquer esperanza de um serviço de bagagem. Ahi só o cargueiro poudé prestar serviços. Para nós o muar, parece ao distincto consulente, devera constituir um ponto de fixação para quem legislar sobre o assumpto.

E' superfluo fundamentar os nossos applausos a esse pensamento. Ninguém pôde contestar a força com que se nos impõe essa solução. Mas é preciso distinguir. Não podemos tambem desprezar o *concurso das viaturas* para o transporte entre os depositos de viveres onde abastecer-se-linha de etapas.

E' preciso além d'isso cuidar de um *apparellamento* especialmente *numerozo e aperfeçoado* dos nossos batalhões de engenharia afim de realizarem com a maxima presteza o melhoramento ou abertura de caminhos carroçaveis que nos

permittam levar o mais longe possível as viaturas, cujo rendimento é sempre muito maior, não só quanto à carga transportada como também ao effectivo de animaes e pessoal necessarios e à profundidade dos comboios.

Klinger (Continúa).

Themas de tiro para a artilharia de campanha

SOLUÇÃO E CRITICA SEGUNDO O R. T. 1914

IV

(Ver ns. 12, 13 e 15 desta Revista)

Situação — Artilharia inimiga em posição atrás de uma collina situada na frente da direcção de marcha de um destacamento mixto surpreendeu com seu fogo nossa vanguarda quando esta transpunha uma elevação a 2000 m. de distancia.

Não foi possível precisar a posição da artilharia inimiga, mas cerca de 400 m. atrás da crista da collina era visível um matto cerrado.

O commandante do grupo reconhece rapidamente a posição a occupar e por meio de um signal previamente combinado manda que venham à frente os commandantes de bateria, ao mesmo tempo que envia seu ajudante com a missão de guiar o grupo em marcha coberta até a posição, passando a trote pela direita da infantaria do grosso. Elle ordena aos capitães: *Nossa vanguarda foi surpreendida pelo fogo de artilharia partido daquella collina em frente. Nós vamos atacar. O grupo toma posição coberta aqui. Frente — desde aquella moita de arbustos seccos até a bandeira azul. Os flancos direitos das baterias estão assignalados por meio de bandeirolas. Bateria-testa à direita deve, assim que estiver prompta, romper o fogo contra a artilharia inimiga, batendo uma zona de 60 millesimos de frente, comprehendida entre aquellas duas arvores; as outras baterias em posição de vigilancia observam até 200 millesimos à esquerda daquella ponta de matto. Abertura de fogo à minha ordem. Observatorio do grupo aqui. Da bateria centro, ao alcance de minha voz; das outras, à escolha, ligados por telephone ao do grupo. O ajudante guiará o grupo à posição.*

Cada commandante de bateria fez-se acompanhar de seu sequito composto de um ordenança portador da luneta, um sargento servente da luneta, dois telephonistas-signaleiros e dois clarins.

O commandante da bateria direita, emquanto o do grupo dava suas ordens, pediu venia para uma pequena interrupção e mandou immediatamente instalar a linha telephonica de seu observatorio á posição que sua bateria devia occupar, cerca de 150 m. atrás da crista. O commandante do grupo accedeu, considerando quanto isso devia concorrer para a presteza na abertura do fogo.

Cada commandante de bateria escolheu, segundo sua situação, um processo de pontaria.

Vejamos o que foi feito na bateria direita, cujo boletim de tiro é o seguinte:

Nº da peça	COMMANDO	Nº do tiro	Alça	Observação
III e IV	Sht! Só a secção da esq.! 1ª peça da esq., pontaria á luneta! Deriva 5285! Sitio 205! Corrector 10! Alça 30! Ponto de pontaria á retaguarda — poste telegraphico no alto do morro! Diminuir o escalonamento de 15! Fogo!			
	(Commandos transformados pelo subalterno mais graduado: Deriva 3560! Escalonar da esq. de menos 9!).....	1 } 2 }	30	{ { — —
	Corrector 11! Alça 34! Fogo!.....	3 } 4 }	34	{ { + ₁ b +
	Alça 32! Fogo!.....	5 } 6 }	32	{ { + ₁ b ? ₁ n
	Alça 31! Fogo!.....	7 } 8 }	31	{ { —/ab —
	I Toda a bateria! Corrector 12! Mesma alça! 1 grupo!...	9 } 12 }	31	{ { —/b
	a Corrector 13! A. 32! 1 grupo!.....	13 } 16 }	32	{ { ? ₁ n
	IV Alça 33! 1 grupo! ...	17 } 20 }	33	{ { ? (1 +) n
	Alça 34! 1 grupo! ...	21 } 24 }	34	{ { + (*) / n (1 ?) / n
	Alça 3350! 1 salva!..	25 } 26 } 27 } 28 }	3350	{ { { { + (*) / n + / n (*) + / n (*) ? ₁ n
	Alça 3250! 1 salva!..	29 } 30 } 31 } 32 }	3250	{ { { { ? ₁ n ? ₁ n ? ₁ n + / n
	Alça 3150! 1 salva!..	33 } 34 } 35 } 36 }	3150	{ { { { + ₁ b + ₁ b ? ₁ n ? ₁ n
	Alça 31! 1 grupo! ...	37 } 40 }	31	{ { — (2 ?) / n
	Alça 3150! 1 grupo!..	41 } 44 }	3150	{ { ? (2 +) / b
	Alça 32! 1 grupo! ...	45 } 48 }	32	{ { + (1 ?) / b

(*) Tiros no matto.

Crítica — O commandante da bateria não tinha nenhuma informação segura sobre a posição da artilharia inimiga atrás da crista cobridora, como é o caso mais frequente na guerra. Os clarões elle não percebia. Mesmo que se possuía uma carta, em geral ella não dá indicação se o declive do terreno atrás da crista é forte ou suave; os reconhecimentos feitos por aeroplanos ou dirigíveis nenhum esclarecimento podem dar sobre isso porque de cima não se distingue a linha que nos apparece como crista cobridora. O apparecimento dos clarões pôde conduzir a supposições falsas, pois que estes tornam-se visíveis mesmo em uma posição situada 200 m. atrás da crista, quando o declive é muito fraco.

Segundo a profundidade da zona o objectivo, no presente caso, devia estar entre a crista e o matto existente 400 m. á retaguarda.

O capitão fez seu tiro com shrapnell-tempo, na hypothese de que em posição coberta as guarnições não se obrigam tão cautelosamente nos escudos dos canhões como nas posições descobertas. Seria recommendavel que depois dos quatro primeiros grupos de tiros elle tivesse passado ao fogo com granada-tempo modificando as alças de 50 e depois de 25 em 25 m.

O commandante da bateria tinha que pensar no grande consumo de munição, pois devia bater uma zona de 400 m. de profundidade com uma frente trez vezes maior que a de sua bateria. Elle repartio o fogo sobre toda a frente da zona. Podia tambem dividil-a em duas partes e bater successivamente cada uma, mas como fez foi acertado porque não sabia se tinha como objectivo uma unica bateria com grandes intervallos entre as peças ou mais de uma bateria.

Como a vegetação não lhe deixasse ver senão a 4ª peça deu-lhe uma deriva e fel-a apontar pela luneta de bateria, designando ao mesmo tempo um ponto de pontaria para a bateria. O 2º tenente fez essa peça referir a pontaria ao p. p. e transmittio essa deriva de referencia ao 1º tenente, que por sua vez, a commandou para toda a bateria.

Este devia, em seguida, para que todas as peças ficassem com seus planos de tiro parallelos ao da 4ª peça, commandar um escalonamento de 6/1000, paralaxe do p. p. em relação á frente de secção: mas, como o commandante da bateria, querendo abrir o feixe afim de bater ao mesmo tempo toda a frente da zona, commandara um escalonamento adicional de menos 15, o 1º tenente, transformando esse commando, mandou escalonar da esquerda de menos 9 ($6/1000 - 15/1000 = -9/1000$).

O commandante da bateria regulou seu tiro sobre a crista cobridora. Podia tambem ter feito a regulação sobre a orla da matta situada atrás da posição inimiga (R. T. 4).

Os dois primeiros tiros foram percutentes e muito curtos, portanto, aproveitaveis na formação do garfo. (R. T. 55, 28). Foi acertado levantar o corrector e augmentar a alça. Com os tiros 3 e 4 foi achado o corrector de regulação (29), acertadamente conservado não obstante as observações dos dois tiros duplos seguintes (R. T. 27).

Formou-se o garfo com as alças 31 e 32. Como não se percebiam os clarões e ambos os tiros do limite curto do garfo foram observados com segurança aquem da crista, andou bem o commandante da bateria iniciando o tiro de efficacia no limite curto do garfo, mas levantou timidamente o corrector, donde a necessidade de

augmental-o de mais uma divisão no commando seguinte.

Variando as alças de 100 em 100 m. elle bateu progressivamente a zona em toda a sua profundidade (R. T. 81) até que com a alça 3400 observou tiros perdendo-se na matta. Passando então ás alças intermediarias (81), com a 33.50 ainda obteve tiros longos attingindo a matta. Podia, pois, eliminar essas duas alças. Tivesse o commandante da bateria notado que o objectivo estava situado muito abaixo da crista cobridora poderia baixar o angulo de sitio para evitar que todos os tiros lhe passassem por cima (81, final).

No que concerne ás especies de fogo, agiu acertadamente o commandante da bateria alternando os grupos de tiros com as salvas.

(Continúa)

Capitão *Lima e Silva*

Patrulhas de Infantaria (*)

(De um manual do infante allemão, intitulado "Transfeldts Dienstunterricht für den Infanteristen").

a) Em marcha

Só por excepção em falta de cavallaria o esclarecimento em marcha será feito por patrulhas de infantaria, pois que ellas se movem com lentidão. Desde que se lance mão dellas é preciso que não percam a ligação com a tropa em marcha, sob pena de não preencherem o seu fim que é guardar os flancos.

O seu afastamento da tropa dependerá da conformação do terreno e nunca deverão ficar separadas della por terreno impraticavel (pantanos, aguas).

Não ha necessidade de se acharem sempre á mesma altura que a ponta da columna em marcha; ellas se deslocam por lances, demorando-se nos pontos que assegurem boa vista. As mattas ou povoações proximas devem ser exploradas, patrulhas de cavallaria inimiga repellidas.

O melhor processo de communicações consiste no emprego de signaes (bandeiras) completando os avisos por participações verbaes mandadas por um homem da patrulha. Caso appareça o inimigo em distancia perigosa para a tropa, a patrulha dá o alarma mediante fogo vivo.

Si a tropa em marcha se desenvolve para o combate, a patrulha de flanco passa a ser, em geral, patrulha de combate.

N. da R. — Vd. "O esclarecimento pela infantaria" von Bernhardt, traduzido pelo tenente Souza Reis. Ns. 12 e 13 desta revista.

Quando os allemães marchavam sobre Le Mans, em Janeiro de 1871, uma força franceza quiz preparar-lhes uma emboscada. Pretendia ella que os allemães attingissem incautos um trecho de matta para então sorprendel-os por varios lados. O seu plano foi, porém, burlado graças á vigilancia de uma patrulha de flanco, que participou: "Na matta situada cerca de 400 passos á nossa frente e 200 passos ao lado da estrada descobrimos Infantaria inimiga. Não se poudé fixar o numero, mas é pelo menos uma companhia. Vimos junto della dois officiaes montados." Em vista desse aviso o commandante da vanguarda, sem que o inimigo o percebesse mandou uma companhia pelo flanco e atacou ao mesmo tempo pela frente. O combate foi sangrento, mas curto: numerosos mortos do inimigo, o resto aprisionado.

b) Em combate

As patrulhas de combate são empregadas pela infantaria afim de observarem no flanco, quando ahi não houver apoio de obstaculos naturaes. Tal patrulha só preencherá o seu fim si do seu posto ella tiver um campo de vista differente do que tem a linha de atiradores para o mesmo flanco. Depende do terreno a escolha do seu posto adiante ou atraz da linha de atiradores ou na mesma altura della. E' preciso ter ligação pela vista com a linha de atiradores. Ella avança por lances de um posto de observação para outro, mas não simultaneamente com a linha de atiradores, pois até no momento do assalto geral é preciso que haja segurança no flanco.

Em geral a patrulha de combate não toma parte no fogo. Sua missão é ver, e por sua attenção poupar a tropa combatente a sorpresas do inimigo. Deve participar com toda a presteza as observações importantes, e o melhor processo é ainda o dos signaleiros, pois que si recorresse ao fogo para dar alarma, seus tiros — sem considerar que elles careceriam de explicação — em geral não seriam percebidos na linha de atiradores em meio do tumulto do combate.

c) Em postos avançados

Distinguem-se: 1º patrulhas contra o inimigo; 2º patrulhas na linha de postos avançados.

1. — **As patrulhas contra o inimigo** têm por objecto buscar noticias sobre o inimigo ou sobre o terreno ou sobre ambos. Ellas completam o esclarecimento da cavallaria.

A patrulha compõe-se de um cdte. e pelo menos dous soldados. A habilidade de orientar-se rapidamente em terreno desconhecido, a incansabilidade que só resulta do gosto pelo serviço, a presença de espirito e a astucia que ainda no momento do perigo sempre acham uma sahida, são as qualidades para este serviço.

Em regra as patrulhas seguem sem a mochila. Seu cdte. deve ser munido de um bom binoculo, papel e lapis para as participações escriptas, relógio e, si possível, carta. Uma bussola e uma lampada electrica de algibeira serão muito uteis. Não havendo carta, convirá antes da partida preparar um simples esboço ou croquis onde se registrem as distancias dos pontos mais importantes do terreno.

Ao cdte. da patrulha é dada em presença dos seus homens uma *missão* precisa. Elle a repete sem ser mandado, faz as perguntas que precisar para esclarecer-se e confronta o seu relógio com o do cdte. do pequeno posto. Manda seus homens carregarem as armas, explica-lhes o caminho a tomar, e lhes indica um ponto de reunião no caso da patrulha ser dispersada pelo inimigo, e combina com elles certos gestos e signaes.

Por exemplo: *Sentido*, um assobio curto e baixo; *Alto*, levantar o braço e logo baixal-o; *Continuar a marcha*, levantar o braço e estendel-o na direcção a seguir; *Inimigo á vista*, estender o braço, com a arma a prumo, na direcção do inimigo; uma vez se fôr só uma patrulha, diversas vezes se fôr maior força; *Nada de importancia*, agitar varias vezes o gorro, kepi ou chapéo; *Reunir*, girar o braço acima da cabeça.

Ao *transpôr a linha de sentinellas* a patrulha communica abreviadamente a sua missão ao posto mais proximo, delle informa-se si foi observado algo de novo sobre o inimigo, e si necessario, pede informações sobre o terreno em frente. Da mesma forma procede si encontrar-se com outra patrulha.

Não ha uma *formação* obrigatoria para a marcha da patrulha; depende do terreno e da proximidade do inimigo, e deve ser escolhida de tal forma que a patrulha fique o mais possível desenfiada ás vistas, possa mover-se e esteja ao abrigo de uma surpresa ou aprisionamento. E' preciso porém que a consideração do desenfiamento não faça esquecer que a patrulha tem que ver e observar. Póde pois succeder que os tres homens da patrulha marchem na mesma altura ou uns atraz dos outros (como em fossos, encostas de morros) ou

o cdte. na frente e dois homens atrás d'elle, ou dois na frente e um atrás. A distancia de uns aos outros nunca deve ser tão grande que se torne difficil entenderem-se por gestos ou mesmo em voz baixa. A' noite, com cerração, no meio das plantações altas, no matto cerrado, as distancias serão menores. O cdte. deve achar-se sempre no ponto mais perigoso, ou n'aquelle donde mais se possa vêr. Muitas vezes será preciso modificar a formação de marcha.

A patrulha move-se cautelosa e em silencio; ella pára frequentemente e escuta (ouvido em terra!) Cada vez que fizer alto ella cobre-se, frente ao inimigo. Avançar ao passo, por lances, de rasto, ou seguindo um homem na corrida enquanto os outros observam, promptos para o tiro, isso depende do terreno e da proximidade do inimigo.

Para não errar pela zona, sem plano, ou mesmo perder-se — em falta de caminhos no terreno a patrulhar — a patrulha andará bem avançando de observatorio em observatorio, e fixando na memoria certos pontos notaveis, como sejam arvores altas, etc. Ella deve poder dar informações sobre o terreno percorrido e, si necessario, ahi servir de guia.

Numa encosta a patrulha não sóbe sinão enquanto estiver desenfiaada. Dahi em diante proseguirá de rasto, até que possa vêr por cima da altura, na posição deitada.

Muitas vezes convirá que um dos homens, de preferencia o cdte., suba a uma arvore, casa, etc., para melhor poder espreitar, ficando os outros homens em vigilancia, promptos para atirar.

Sendo o principal vêr, a patrulha deve evitar mattas e grandes povoações. Ella descobrirá si um matto ou uma aldeia estão occupados pelo inimigo, observando attentamente a sua orla, especialmente as sahidas.

Demais nas povoações se reconhecerá, em geral, que estão occupadas, pelo latido dos cães, pelo fumo das chaminés, etc.

Conducta contra o inimigo

A patrulha só por excepção fará fogo, pois assim attrahirá a attenção do inimigo e alarmará inutilmente as forças amigas. A missão da patrulha não é combater, é vêr e avisar. Por isso, em regra, ella só atira: 1.^o quando fôr descoberta pelo inimigo e correr risco de ser fuzilada; 2.^o quan-

do o inimigo estiver já tão proximo que um aviso de outra maneira chegaria tarde.

Mesmo das pequenas patrulhas inimigas ella deve desviar-se quanto possível, sem ser vista, para não ser cortada. Si a patrulha inimiga a tiver visto, então deverá simular que retira e tratar de cumprir sua missão por outro caminho. Si ella não consegue avançar, em diversas direcções, então deverá pedir reforço para recalcar as pequenas patrulhas inimigas. Neste caso é inevitavel o emprego do fogo.

Das patrulhas de cavallaria ella tambem deve desviar-se ou esconder-se. Em ultimo caso mesmo uma pequena patrulha de infantaria pôde defender-se contra maior numero de cavalleiros, graças á sua superior promptidão para o fogo.

A 7.9.1870 uma patrulha de 3 homens do 7 B. Caç. foi atacada por 7 cavallarianos, mas defendeu-se tão bem que tiveram de retirar-se com perdas.

Desde que a patrulha descubra uma força inimiga, ella procura desenfiar-se ás vistas e trata de observar.

Caso o inimigo não avance contra a tropa amiga um dos homens da patrulha vae dar o aviso e os outros proseguem no seu caminho.

Mas se o inimigo avança sobre a força amiga, a patrulha interrompe a sua missão e dá o alarma ao pequeno posto, em geral, mediante fogo vivo, ou mandando aviso verbal por um dos homens. Em seguida a patrulha desloca-se para um dos flancos, sempre observando o inimigo e deixando livre o campo de tiro para as forças amigas.

Se a patrulha recebe por missão approximar-se das sentinellas inimigas, logo que tenha descoberto um dos postos, continúa em marcha rastejante e procura descobrir a situação dos postos visinhos.

Quanto á situação do pequeno posto, será determinada pela direcção de onde são rendidas as sentinellas, de onde vêm as patrulhas, e para onde se recolhem uns e outros.

Klinger (Continúa.)

PELA TROPA DE ENGENHARIA

De um interessante trabalho publicado no n. 1 do Anuario da Escola Militar pelo 1.^o tenente de cavallaria Francisco de Mello Moreira, professor da aula de «Or-

ganisação da engenharia militar», extrahimos as seguintes passagens em que mais se accentuam as necessidades urgentes d'essa arma entre nós, umas communs a todo o Exercito, outras peculiares a ella.

O problema completo da organização da arma de engenharia abrange o estudo das seguintes partes:

Recrutamento e duração de serviço, constituição das tropas de engenharia, armamento e ferramenta, equipamento, instrução especial das tropas de engenharia.

RECRUTAMENTO

A base de organização dos exercitos deve repousar em uma lei que regule o serviço militar obrigatorio pessoal.

Os paizes que não tiverem o recrutamento obrigatorio e pessoal jámais poderão dispôr de reservas instruidas para os casos de mobilisação, e os respectivos exercitos não preencherão a sua função na paz.

Todos nós sabemos que a função dos exercitos na paz é preparar a Nação para a guerra e essa função sómente será preenchida de facto quando o Exercito for considerado como uma escola de instrução militar, onde todos os cidadãos passam durante um temp. limitado afim de terem noção dos serviços que a cada um delles cabe desempenhar na guerra.

Um exercito recrutado de modo differente, em que o soldado é um elemento permanente e immutavel na fileira é o maior erro que se pôde attribuir a uma organização militar.

INSTRUÇÃO ESPECIAL

Nos exercitos convictos da sua missão a instrução militar e a instrução technica especial correspondente aos diversos serviços da arma de engenharia são praticadas em épocas determinadas, em campos de instrução pertencentes aos batalhões e regimentos dessa arma.

Entre nós, até o momento presente, ainda não foi possivel tratar-se da instrução especial que devem ter as companhias dos batalhões de engenharia, em consequencia dos seguintes factores:

1º — Não temos um typo regulamentar de material de sapa e de destruição; os nossos regulamentos não prevêem nem o numero nem as dimensões das ferramentas necessarias ás companhias de engenharia.

2º — Não temos um typo regulamentar de explosivo, tão necessario ao exercicio de minas militares e ás destruições de toda natureza, que são da competencia quasi exclusiva das tropas de engenharia.

3º — Não temos um typo regulamentar de equipagem de pontes; a ponte systema Christensen, da qual possuímos tres secções, é fragil, tem dimensões minimas e por isso não satisfaz ás necessidades de uma ponte de equipagem, digna dessa denominação.

4º — Não temos um typo regulamentar de telephones e de telegraphos de campanha, nem de pilhas, nem viaturas destinadas ao serviço de comunicação electrica, tão util em campanha...

Quanto aos serviços das estradas de ferro e de etapa e ao serviço radiotelegraphico tão cedo

as condições materiaes do nosso exercito não permitirão que elles possam ser regulados convenientemente; no entanto o serviço radiotelegraphico começa a ser divulgado aos alumnos da escola militar.

Regulamento de continencias, signaes de respeito e honras militares

Os sete mezes de vigencia do Regulamento actual, mandado adoptar pelo Dec. de 20 de Janeiro ultimo, si não auctorisam ainda um juizo definitivo sobre a sua efficiencia, permitem todavia, desde logo, algumas notas á margem.

E collectando para as nossas columnas as interpretações, duvidas e justas ponderações, que no seio da classe se tem feito ouvir, em relação a este regulamento, nós nos sentimos perfeitamente á vontade perante os nossos chefes, certos do ponto de vista superior com que seremos contemplados.

Entre nós, as apreciações sobre os actuaes regulamentos já não significam critica demolidora votada ao exterminio para aniquilar reputações ou proteger a inercia; mas o desejo ardente de inteirar-se de suas disposições, preencher suas lacunas, comprehender-lhes a doutrina.

Comtudo, que ninguém se moleste ou se agaste com as impertinencias e reparos com que são encarados, tantas vezes, trabalhos dessa natureza.

Não constituem novidade alguma a balburdia, a incerteza e insegurança que caracterisam a nossa insondavel e archaica legislação militar, de ha muito implorando a mercê de uma remodelação.

Da falta de clareza dos textos, da ausencia de previsão e de generalidade ou das falsas interpretações dadas ás leis, têm-se originado consultas tão legitimas e soluções tão differentes que uma legislação parallela já se formou e se desenvolve ao lado da primitiva.

No presupposto de um direito, é sempre perigoso a alguém procurar agarrar-se a qualquer dessas correntes legaes, porque, em geral, não consegue escolher a boa doutrina. Nesta, estriba-se sempre a instancia superior.

“O poder dos jurisconsultos é tanto maior, dizia Condorcet, quanto mais bizarra e incerta é a legislação.” E' o que a

sabedoria popular exprime no seu estylo pittoresco: "*Preso por ter cão, preso por não o ter*"

De um tal estado de cousas nasceu, talvez, esse vexo muito nosso de consultar amiudadamente. Conta com elle o legislador que se não dá mais ao trabalho de aprofundar-se na elaboração de seus decretos e o *consultante* que não se esforça de reflectir um pouco sobre disposições quasi crystallinas.

O regulamento em questão já foi atingido, em seu primeiro trimestre de existencia, por nada menos de tres consultas. E' prova do interesse que despertou.

Não obstante, o máu vexo o persegue e com elle as impertinencias. Exponhamos as nossas duvidas e ponderações.

As prescripções de 30 de Maio de 1906, derrocadas pelas actuaes, tiveram por principal escopo condensar em um só dispositivo o que em relação ao assumpto, se achava espalhado pela vasta legislação que nos rege.

Ellas haviam assim reunido, em cinco capitulos, a tabella de continencias de 1891, com algumas alterações, a ordenança de salvas e o que, a respeito de continencias, apresentações e honras funebres, havia projectado o Estado Maior de então.

O regulamento vigente, respeitando em sua maioria as disposições do anterior, e consagrando as idéas liberaes contidas nos Regulamentos Internos de 1909 e de 1913, teve por principal objectivo — innovar, simplificando.

A este duplo criterio obedece a continencia individual, tornada a mesma para todos os postos da hierarchia militar.

O Regulamento consagra a proposito uma prescripção pela qual já nos havíamos batido, inspirados no exemplo de outros exercitos: o militar toma a posição de sentido **olhando franca e naturalmente para o superior**. Comtudo, por maior que seja esta franqueza e decisão de gesto, ella está muito longe de exprimir uma *prova de confiança mutua*, como se lê no art. 2.

Ha certamente um velado despotismo nesta definição. Como, prova de confiança, si a continencia é obrigatoria?

— Uma consulta endereçada em relação ao art. 11, fez saber que persistirá a differença, existente outrora, entre a continencia feita por officiaes e a executada por

praças. Estas deverão manter a mão na pala do *bonnet* enquanto fallarem com o seu superior. (V. o Av. de 7 de Abril ultimo)

— Ha um ligeiro lapso no art. 16, si nos cingimos á letra e não ao seu espirito.

Parece que a praça de pret, que nos vehiculos de conducção publica não se poderá sentar na frente de um official, poderá entretanto fazel-o si este chegar depois e tomar logar á sua rectaguarda.

— Outro topico onde talvez a expressão não seja muito precisa, é quando, no art. 18, se prohibe que um inferior passe pelo superior em andadura maior do que a do cavallo deste.

Aqui o problema classico dos "Dous correios" foi provavelmente esquecido, si se refere a ambos n'uma mesma direcção.

Tratando-se, porém, da execução de uma ordem, diz o Reg. não se observará esta prescripção, devendo então o inferior dizer em voz alta ao passar pelo superior: — *serviço urgente!*

Nós lembramos aqui tambem o art. 23 do Regulamento de Exercícios para Infantaria que manda o portador dizer em voz alta, em semelhantes casos: *ordem a tal unidade ou a Fulano*.

— Dous outros pontos sobre a continencia individual foram resolvidos por consulta.

Recommenda-se em um que se leia o art. 87 do R. E. I o qual se refere ao modo do official segurar a espada, quando embainhada; no outro, manda que se aguarde o regulamento da Cavallaria que explicará como as praças desta arma farão a continencia, si de sentinella coberta. (V. Boletim do Exercito n. 427, de 20 de Maio.)

— Neste mesmo Boletim evita-se responder a uma consulta sobre um ponto que, ao nosso vêr, é por demais casuistico para figurar em um regulamento.

De accordo com o art. 36, si um official exercer em corporação estranha ao Exercito, uma commissão de posto mais elevado, não poderá exigir a continencia de seus superiores no Exercito.

Sobre não ser pratica esta disposição, a menos que esses officiaes trouxessem distinctivos duplos que lhes denunciasssem a qualidade, parece-nos mesmo perturbadora, afigurando-se-nos que ella entra em collisão com o acto legislativo que deu aos postos de certas corporações militares

as mesmas prerogativas de que gosam os officiaes do Exercito e da Armada.

— A continencia á Guarda Nacional, no estado de descredito em que esta se acha, encontra a mais justa repulsa não só dos officiaes como até das praças de *pret.* Mas quer si trate da anomalia resultante dessa ambiguidade de postos, quer se trate do constrangimento que a *Briosa* nos impõe, o que se torna necessario é atacar com decisão este problema, de modo que, na confecção de um regulamento como este, não se faça mistér collocar reticencias...

— Em o art. 22 perde-se o ensejo de regulamentar-se sobre a continencia ao Hymno Nacional: falla-se vagamente em “ouvir o hymno”.

— Na descriminação das auctoridades civis que, pelas suas funcções, merecem honras militares, notámos que um ministro civil do Supremo Tribunal Militar tem isoladamente direito á continencia, ao passo que os Ministros do S. T. Federal só a tem quando incorporados.

Seria a omissão da palavra “militares” que figurava no regulamento anterior ou houve mesmo a preocupação de distinguir os membros civis do tribunal militar?

Faça-se, em todo o caso, o que o Regulamento manda.

— No capitulo de “Guardas e escoltas de honra” ha duas disposições que não passam como sendo das melhores. São as que se contêm nos arts. 49 e 50, relativamente ao cumprimento obrigatorio e em massa, da officialidade, a qual quer comandante que se apresente em uma guarnição onde haja forças da unidade de que é chefe; ou quando por uma localidade passar um official de patente superior ou mais antigo que a auctoridade ahi existente.

Por maior que seja o empenho que todos nós sentimos de prestigiar nossos chefes e camaradas, não haverá nessas manifestações tão apparatusas e intempestivas um pouco de ridiculo e de constrangimento?

Quem conhece como os nossos meios de transporte não primam ainda pelo conforto e pelos locaes de “representação”; quem sabe o que é enjoar a bordo e empoeirar-se pelas nossas estradas de ferro não *macadamisadas*; quem comsigo conduz uma numerosa familia e experimenta as torturas de um desembarque mal encaminhado pelo pessoal dos vapores ou dos

comboios terrestres, não ficará provavelmente satisfeito com tão importunas provas de apreço... obrigatorias.

Não ha certamente quem se recorde com saudades dos tempos em que a nossa *gare* da Central era a grande sala de recepções do Exercito. Epocha houve em que os pacatos moradores dos suburbios se viam frequentemente surprehendidos com a massa assoberbante dos officiaes desta guarnição que alli se mantinhãem longas horas para receber ou fazer o *bota-fôra*, do Chefe de Estado, em pequenas excursões.

Dir-se-ia que a instrucção da tropa não era a principal razão de ser de um exercito permanente...

— Em relação ás “Honras Funebres”, uma consulta veio esclarecer que o ponto de visada nas descargas é o chão e que a primeira fileira não ajoelhará.

No art. 68, neste mesmo capitulo, ha uma recommendação preciosa em relação ao transito publico que se **evitará quanto possivel interromper.**

E' por demais desagradavel constatar que nosso Exercito attrae sobre si justas censuras sempre que uma força, muitas vezes uma pequena unidade independente, entende não ligar importancia á longa fila de bonds ou de outros vehiculos que se forma na cauda de sua columna. Mercê de um ligeiro deslocamento, os interesses alheios não seriam conculcados.

— Não foram dignos os suicidas de merecer honras militares. Em nome de que principios, de que correntes philosophicas?

Acaso um official não poderá ser levado a esse acto por qualquer influencia morbida, ou como um desfecho absolutorio de um caso de honra?

*
*
*

São estas as primeiras notas que ouvimos escrever á margem do vigente Regulamento de continencias.

Merecerão algumas dellas as honras de um futuro *Deckblatt*; servirão de pretexto para mais uma impertinente consulta; ou cahirão no vacío, ao mesmo tempo que cousas de maior e de menor peso?

Compêso Cavalotti

Errata No artigo «Dressagem do cavallo de tropa segundo o methodo allemão» publicado em o n. 22 escaparam os seguintes erros:

Pagina 314, lado esquerdo, 6.^a linha «*pisando* sobre as redeas...» em lugar de — pesando sobre as redeas.

Pagina 315, lado esquerdo, 1.^a linha «...o trote.» em lugar de — o trote curto.

Recrutamento das praças do serviço de saúde

(Do manual allemão "Instrucção das praças do serviço de saúde.")

§ 1. — Qualidades

1. — As praças do serviço de saúde (S. S.) devem ter um anno de serviço de combatente, estar aptas para o serviço de campanha, ter bôa conducta moral e militar, escrever desembaraçadamente e conhecer as quatro operações arithmeticas, e possuir um preparo intellectual que as aproprie para a aprendizagem do serviço de saúde.

2. — Ao par do *amor á verdade* e do *sentimento da ordem* as praças do S. S. devem possuir em alto gráo as virtudes capitães do soldado: *coragem e obediencia*. Precisam ter coragem afim de supportar as multiplas impressões desagradaveis e os perigos inherentes ao tratamento de doentes e feridos, e afim de serem capazes de arriscar a vida, na paz como na guerra, em cumprimento do dever deante das molestias contagiosas e no campo de batalha.

Na execução do serviço de que forem incumbidas, é imprescindível a obediencia incondicional. Os homens do S. S. ainda os mais experimentados causariam grande mal se, no trato dos doentes, descurassem das ordens medicas, seja por desidia, seja por attenderem aos desejos muitas vezes prejudiciaes dos proprios doentes, ou ainda por entenderem de fazer segundo melhor lhes pareça.

3. — As praças do S. S. não devem menosprezar coisa alguma que entenda com os doentes. Todo serviço, por mais baixo que pareça, é honroso, por isso deve ser acceito de boa vontade e prestado com satisfação. Pela abnegação e dedicação o enfermeiro inspira confiança ao doente, bem como aos seus superiores e aos parentes, fazendo sentir que elle é cercado por todos os lados com os mesmos cuidados que lhe poderia dispensar a familia. As praças do S. S. devem estar convencidas de que por seu turno lhes serão prestados os mesmos serviços que dedicam aos camaradas doentes, caso lhes succeda adoecer ou ser ferido.

§ 2. — Hierarchia, instrucção e promoção

1. — As praças do S. S. conservam a sua qualidade militar e pertencem ao Corpo de Saúde.

E' a seguinte a sua hierarchia: 1º sargento de saúde; 2º dito, dito; 3º dito, dito; cabo de saúde e soldado de saúde.

2. — As praças do S. S. são subordinadas de um lado ás autoridades militares, de outro aos seus superiores medicos; ellas são empregadas na tropa, nos hospitaes, nos estabelecimentos militares e nas repartições medicas superiores.

3. — Os superiores medicos são: o medico-chefe do exercito, chefe do Corpo de Saúde; o medico-chefe do Corpo de Exercito; o medico-chefe da Divisão; na tropa e estabelecimentos militares, os medicos de regimento, batalhão ou grupo, os medicos-chefes de guarnições, os medicos auxiliares e os assistentes, os medicos inferiores e os voluntarios de um anno; nos hospitaes, o medico-chefe e os medicos ordinantes e coadjuvantes.

4. — Os sargentos de saúde são superiores dos enfermeiros militares, os cabos de saúde, sómente se tiverem funcções que assim o exijam nos hospitaes.

As praças do S. S. não tem relações hierarchicas com os empregados subalternos dos hospitaes (enfermeiros civis, criados, foguistas, machinistas, etc.) mas estes têm que lhe prestar obediencia quando aquelles tenham o direito de o exigir em razão do serviço de que estiverem incumbidos, como guarda, etc.

5. — A designação das praças do S. S. para os diversos serviços é feita pelos seus superiores medicos e militares. A execução dos seus serviços, quando não puramente militares, obedece ás indicações dos officiaes de saúde. Toda vez que as praças do S. S. tiverem de agir por iniciativa propria, conduzir-se-ão sob sua responsabilidade pessoal segundo as indicações desta "Instrucção"

6. — Os serviços das praças do S. S. consistem principalmente no trato dos doentes e no auxilio prestado aos medicos no exercicio de suas funcções. Além disso devem ser familiarisadas com o serviço dos enfermeiros (vd. § 186) e dos padioleiros (vd. "Instrucção de Padioleiros") de modo a poderem a cada momento desempenhal-o. Cabe-lhes ainda o trabalho de escripta correlato do serviço de saúde e qualquer trabalho a elle attinente.

7. — A primeira instrução especial ás praças do S. S. lhes é dada nas Escolas de Saúde que funcionam nos hospitaes da guarnição séde do commando da Divisão ou em outros grandes hospitaes.

O ensino começa a 1.10. de cada anno, dura seis mezes e é ministrado por officiaes e sargentos de saúde, bem como pharmaceuticos militares, sob a direcção do medico-chefe da Divisão ou do hospital. Durante esse curso ou no semestre seguinte essas praças tambem tomam parte no ensino dos padioleiros.

8. Após este curso de seis mezes tem lugar um exame, segundo a base a este annexa. Sendo approvados no exame são promovidos a cabos de saúde por proposta dos respectivos medicos do corpo de tropa de onde provieram.

Si reprovados continuam mais dois mezes na escola, afim de entrarem noutro exame. Os malsuccedidos duas vezes, bem como os que se conduziram mal ou soffreram castigos que os inhabilitem á promoção, voltam á tropa para a classe dos combatentes; do mesmo modo se procede com os cabos de saúde que adquiram má conducta habitual.

9. — O aperfeiçoamento dos cabos e terceiros sargentos de saúde tem lugar mediante um ensino regular nas guarnições, bem como pela sua designação para servirem em hospitaes e tomarem parte na instrução de padioleiros.

Tambem os sargentos mais antigos pôdem ser mandados por 4 semanas para uma Escola de Saúde, afim de se aperfeiçoarem especialmente no preparo e emprego dos accessorios de ligaduras, bem como no carregamento regulamentar das viaturas de saúde (ambulancias). Os mais antigos, de reconhecida aptidão, são mandados praticar no serviço de administração em grandes hospitaes.

10. — Os terceiros sargentos de saúde engajados tomam parte no *curso de engajados* da escola regimental, como os inferiores combatentes.

Se estiverem servindo no hospital, precisam da licença do medico-chefe para frequentar esse curso.

11. — Os *reservistas* praças de saúde, quando chamados a um periodo de exercicio vão servir nos hospitaes, e ahi recebem *instrucções especiaes*.

12. — A promoção dos cabos de saúde a sargentos obedece á sua conducta e ha-

bilitação, sendo que a de 2º sargento de saúde só é feita após sete annos de serviço.

Caso haja promoção de sargentos combatentes do mesmo corpo de tropa mais modernos, a esse posto, então tambem os sargentos de saúde poderão ser promovidos antes dos sete annos.

Os segundos sargentos de saúde podem ter acesso, sem augmento de vencimentos:

A — depois de nove annos de serviço, a) como amanuense do quadro; b) como *contador* de hospital;

B — em regra, só depois de dezoito annos de serviço, outros segundos sargentos propostos á promoção em reconhecimento de bons e leaes serviços.

São condições indispensaveis para o acesso as provas de integridade profissional e de aptidão militar. Quanto mais alto o posto maiores devem ser as exigencias.

ANNEXO1 — Instrucções para o exame das praças de saúde

§ 1. — Generalidades

1. — O exame tem lugar nos ultimos dez dias do curso da Escola de Saúde, sob a presidencia do medico-chefe do Corpo de Exercito, ou do director da Escola.

2. — O exame comprehende uma parte oral e outra pratica, estendendo-se ao conhecimento das relações de serviço e do preparo profissional, peculiares ás praças do S. S. bem como á demonstração de sua instrução geral não militar.

3. — Na determinação do resultado do exame tambem entram em conta os julgamentos dos instructores da Escola de Saúde relativamente á conducta e provas durante o curso (applicação, attenção, conhecimentos revelados, trabalhos escriptos). Os trabalhos escriptos apresentados durante o curso devem ser exhibidos na occasião do exame.

§ 2. — Exame oral

1. — Dar especial valor ao conhecimento perfeito do tratamento de doentes e aos primeiros socorros nos accidentes.

2. — As perguntas devem ser respondidas laconicamente e com clareza.

§ 3. — Exame pratico

1. — A parte pratica é a mais importante do exame.

2. — O exame pratico abrange especialmente: applicação de ligaduras, preparo de talas e arranjo do ferido no leito (ligaduras de palhas e congeneres), transporte de doentes e feridos, os trabalhos e as ajudas necessarias ao tratamento dos doentes (mudança de leito ou de posição, tomada de temperatura, ajuda na alimentação, etc.), conhecimento dos instrumentos mais usuaes e dos utensilios para o trato dos ferimentos, operações, etc., execução pratica dos primeiros socorros em accidentes.

Klinger

Do Contestado

Observações colhidas nas operações da columna sul (*)

(Continuação)

6º — Combates

O inimigo que tive a difficil incumbencia de bater jámais sahio de dentro da floresta e sempre nos hostilizou habilmente escondido atraz dos pinheiros e das imbuías que se erguiam na matta fechada ou enterrado nas furnas da serra, deixando neste ultimo caso que os nossos se approximassem do precipicio para disparar então as suas armas com uma pontaria fulminante. Para estas difficeis condições de luta em que a vantagem está inteiramente do lado do defensor, é impossivel estabelecer de ante-mão regras tacticas, que tem de variar conforme os casos.

A região em que operavam os bandoleiros que a minha columna teve de atacar participava da natureza das serras e das florestas, o que naturalmente concorria para tornar mais difficil a offensiva.

Tenho ainda hoje convicção de que se o destacamento do Capitão Potyguara na sua marcha audaciosa, não tivesse conseguido entrar no Santa Maria pelo lado do norte, forçando os bandidos a desgarnecer o lado sul, a minha columna ainda não teria conseguido com os seus ataques frontaes vencer a resistencia que sempre encontrou na floresta que a separava do celebre aldeamento dos fanaticos.

A unica tactica a empregar no caso que tive de resolver, se a solução continuasse dependendo exclusivamente dos meus esforços, era ir pouco a pouco ganhando a matta ao adversario até chegar ao fundo do valle onde estava situada o casario.

O processo de execução desta forma de avanço consistia em dividir a força em pequenos grupos de 100 a 200 homens, munidos de foices e machados, e attribuir a cada um delles uma certa zona dentro da qual iriam procedendo a reconhecimentos particulares e preparando sucessivas linhas de investimento. A' medida que esses trabalhos fossem progredindo entrar-se-ia numa segunda phase da operação, caracterizada pelo primeiro contacto com o inimigo, a partir do qual as vantagens adquiridas continuariam a ser cautelosamente exploradas sem dar um momento de tregua ao adversario, até a obtenção de um resultado definitivo.

Foi este o processo que empregou na campanha do Yen-Thé o General Gallieni, então coronel do Exercito Francez, que conseguiu depois do mallogro de 3 expedições, penetrar nos fortes do De Than tendo as suas forças soffrido apenas 10 baixas. Commentando estas operações, o autor, a quem já me referi diz o seguinte: «Este notavel resultado prova sufficientemente a intelligencia e habilidade com as quaes essas operações foram dirigidas: porque no Tonkin se atingimos sempre o objectivo tactico foi em geral á custa

de perdas serias e superiores ás do inimigo, que combate escondido e sabe sempre escapar a tempo».

O methodo que venho de descrever e cuja execução tentei logo após o combate de dois de Março, exige um effectivo superior ao de que dispunha, e tropas com qualidades que as nossas ainda estão longe de possuir.

Nos combates nas montanhas e florestas, onde a vista pouco descortina e o inimigo jámais se fixa, atacando por todos os lados, é preciso que os soldados possuam uma iniciativa fóra do commum, e saibam dirigir-se não carecendo da assistencia immediata do chefe para indicar-lhes os objectivos, nem os meios de diminuir a effcacia do fogo inimigo e augmentar a sua propria.

Ao par dessas qualidades que podem ser adquiridas por educação, é preciso tambem, nestas luctas, que o combatente possua o animo para o encontro individual com um inimigo que não lhe poupará mesmo os despojos.

A acção do official, por mais activo que este seja, não se póde em taes circumstancias exercer sobre todos os homens, que desde o inicio do combate lhe escapam inteiramente das mãos. As raras acções collectivas caberão aos pequenos grupos dirigidos por officiaes denodados, animados do desejo de vencer e cujo ardor não diminua deante das difficuldades peculiares a esta guerra, nem soffra a influencia dissolvente do commum desinteresse que a opinião publica revela por essas luctas de bandidos contra forças regulares.

7º — Bagagens, columnas de munições e comboios

Bagagem (trem de estacionamento e de combate).

Uma lacuna muito sensível na presente guerra foi não se ter regulamentado previamente o peso da bagagem nem determinado o seu modo de acondicionamento. D'ahi resultou o maior arbitrio na organização dos trens regimentaes.

Com a experiencia hoje adquirida parece-me que é opportuno tratar seriamente deste assumpto. O official subalterno e os capitães podem conduzir em campanha dentro do peso de 45 kilogrammas e num cofre de 0,70 x 0,40 x 0,60 (canastra de viajante) todos os artigos do uso pessoal. Os officiaes superiores poderão ter mais uma. Desta forma um cargueiro representará a bagagem de um official superior ou de 2 subalternos. Foi este o criterio adoptado pelo 58 de Caçadores que a partir da povoação da Freguezia do Sul teve de abandonar as suas viaturas por falta de estradas carroçaveis. Na região em que operei, logares ha em que um cargueiro com volumes de maiores dimensões não pode passar.

O archivo de campanha do batalhão, compreendendo papeis da secretaria e intendencia, com material de expediente e aparelho dactilographico pode ser conduzido em 6 cofres das mesmas dimensões representando 3 cargueiros.

O archivo da companhia pode ser conduzido em um cofre identico, que com o volume das 4 barracas dos officiaes da mesma, constituirá a carga de um mear.

Tomando para base estes dados o trem de estacionamento de um batalhão de infantaria exigirá os seguintes meios de transporte.

(*) Publicação autorizada pelo Sr. coronel Francisco Raul d'Estillac Leal.

1ª Bagagem de uma companhia:

a) Bagagem do capitão e 1º tenente, 1 cargueiro;

b) Bagagem de dois segundos tenentes 1 cargueiro;

c) Archivo e barracas dos officiaes, 1 cargueiro;

2ª Bagagem das tres companhias, 9 cargueiros;

3ª Bagagem do estado-maior do batalhão:

d) Bagagem do commandante, 1 cargueiro;

e) dita do fiscal, 1 cargueiro;

f) dita do ajudante e archivo do estado-maior, 1 cargueiro;

g) dita do secretario e intendente, 1 cargueiro;

h) archivo da secretaria e intendencia, 3 cargueiros;

i) barracas dos officiaes do estado-maior, 1 cargueiro;

j) uma barraca hospital, 1 cargueiro;

k) uma barraca pharmacia, 1 cargueiro;

l) bagagem do medico inclusive barraca, 1 cargueiro.

Total do trem de estacionamento de um batalhão 21 cargueiros.

O trem de combate do batalhão deverá ser constituído dos seguintes elementos.

12 marmitas thermicas, sendo 4 por companhia, 6 cargueiros;

24 cunhetes de munição, sendo 8 por companhia, 12 cargueiros.

Total 16 cargueiros.

4 canastras do serviço de saúde, 2 cargueiros;

O trem de estacionamento e o de combate de um batalhão exigem um total de 40 cargueiros, representando o numero minimo de muarés que tem de acompanhá-lo.

Afim de não augmentar o numero de cargueiros com trem de cosinha deve-se exigir que cada official transporte na sua bagagem um estojo culinario de aluminio.

Se a marcha do batalhão se fizer por estradas carroçaveis, caso aliás especialissimo, o trem regimental e de combate exigirá 6 á 8 carroças coloniaes conforme a carga fôr de 500 ou 600 kilogrammas.

Se o batalhão marchar isolado terá de ser acompanhado por um comboio de viveres. Os viveres de um dia, por cabeça, comprehendem: 130 grs. de assucar, 60 grs. de café, 250 grs. de farinha, 30 grs. de banha ou toucinho, 50 grs. de sal, 200 grs. de carne secca, 150 grs. de feijão, e 100 grs. de arroz. Para 2 dias os viveres poderão ser transportados em 10 cargueiros, admitindo que o effectivo médio do batalhão seja de 500 homens.

Com o trem regimental deve marchar o intendente e o respectivo pessoal desse serviço, e bem assim o sargento de estacionamento das companhias.

Cada companhia deverá marchar com o seu trem de combate que será acompanhado pelos sargentos intendentes e do material bellico das mesmas. No caso em que o batalhão tiver de marchar com um comboio de viveres, um official, especialmente designado pelo commandante do corpo deverá acompanhá-lo.

Quanto aos dados relativos á composição da bagagem de unidades de outras armas mutatis-mutandis devem ser os mesmos.

Infelizmente não tive ensejo de marchar com unidades constituídas de cavallaria e artilharia para estudar em nosso meio com os mesmos talhes a organização pratica da sua bagagem.

Columnas de munição

Não tendo tido occasião de organizar uma marcha com todos os elementos constitutivos de um destacamento não posso fornecer a respeito deste assumpto dados hauridos na experiencia da presente campanha.

As columnas de munição de um destacamento que tivesse de ser organizado para marchar na nossa zona de operações deveriam comportar um numero de cargueiros ou viaturas sufficiente para substituição immediata do trem de combate de cada uma das unidades de infantaria logo que este fosse exgotado, convindo que se designasse no comboio geral os cargueiros ou viaturas destinadas a cada batalhão de infantaria ou regimento e que estas secções marchassem na mesma ordem das unidades da columna de marcha, de sorte a facilitar o remuniamento.

A distancia a que as columnas de munição deverão marchar do grosso das tropas não se pôde préviamente fixar, dependendo das circumstancias e da maior ou menor probabilidade em que se esteja de travar o combate.

Comboios

Não sendo possivel explorar os recursos locais para alimentação das tropas numa região como a do Contestado, que, com excepção do gado em pé, é desprovido de todos os meios de subsistencia, a manutenção dos soldados depende em tal caso exclusivamente da conveniente localização dos armazens de campanha e da boa organização dos comboios. E é aqui a occasião de declarar que sob este ponto de vista a situação do Exercito foi "sui-generis" na presente guerra pois tendo as forças operado em varias occasiões a mais de 30 leguas dos pontos de abastecimento, como aconteceu ao 58 de Caçadores, quando marchou para Curitybanos, jámais as forças passaram um dia sem ter o que comer o que aliás já tem acontecido nas proprias manobras do Rio de Janeiro feitas ao longo da Estrada de Ferro Central do Brazil. E se não fossem os máos tratos dos animaes de carga e a impericia dos conductores militares, o abastecimento da columna sul ainda teria sido mais facil e regular durante as operações contra os fanaticos de Santa Maria, pois o armazem de campanha do Caçador sempre esteve fartamente provido.

Os comboios de viveres de um destacamento devem ser organizados de modo a assegurar o abastecimento autonomo das unidades constitutivas, convindo pois designar previamente os cargueiros ou viaturas destinadas a cada corpo. Quando o destacamento estiver em movimento, os comboios devem conduzir viveres para os dias de marcha e o numero de animaes pôde ser calculado sabendo-se que a carga de um muar corresponde a um dia de viveres para 90 homens e a de uma carroça colonial a um dia viveres para uma unidade de 500 homens.

Sê o destacamento estiver operando numa

determinada zona onde se possa estabelecer uma base de reabastecimento, os comboios devem transportar dos armazens de campanha até a mencionada base, que ficará sob a direcção do chefe do serviço de administração do destamento viveres para um numero de dias, que dependerá da situação particular das tropas e das condições locais, relativas a cada caso particular. (*)

Aos esquadrões do trem compete fornecer os conductores e chefes dos comboios. Sobre o preparo especial deste pessoal trataremos em outro item.

8 — Alimentação

A diversidade de habitos num paiz de tão grande extensão e de climas tão diversos como o Brazil, parece a muitos que não permite fixar as espécies que podem constituir uma alimentação uniforme de campanha. Em todo o caso, carne, farinha, café e assucar constituem os elementos essenciaes da alimentação do nosso soldado. O pão entre nós é um vivere de segunda ordem; e a sua substituição pela bolacha, satisfaz plenamente na presente campanha, constituindo até uma reserva para os longos dias de marcha e de combate.

Conviria entretanto estabelecer entre nós a ração ou melhor *etapa de ferro* que cada soldado conduziisse sempre no seu equipamento de marcha ou de combate destinada a ser consumida nos casos extremos, em virtude de ordem superior. Esta etapa podia ser constituida de 50 grs. de café, 100 grs. de assucar (tudo em tabletes), um cartucho com 12 bolachas e 100 grs. de conserva de carne e farinha (passoca), acondicionada num sacco de papel impermeavel, cujo preparo, uso e longa conservação em viagem são bastante conhecidos nos habitos sertanejos. A continuação substituição desta etapa, cujo peso não excederá de 356 grs. deve ser um assumpto a estudar, pois o soldado em campanha, tem da mesma tanta necessidade quanto da sua munição de patrôa.

A forragem dos animaes em campanha constitue um problema que carece de ser praticamente resolvido, pois a experiencia da presente guerra veio demonstrar, que da nossa incuria habitual pela subsistencia dos animaes em outros recursos que não os do campo, resultam o pouco rendimento das armas montadas e dos serviços de transportes, bem como a perda consideravel de cavallos e muares. No entretanto o milho methodicamente distribuido, na quantidade de 3 kilos diarios, constitue uma ração sufficiente para os esforços que temos de exigir dos animaes em campanha, dada a exuberancia de pastagens em qualquer ponto do Brazil.

O actual arreiamento regulamentar possui um sacco de lona impermeavel para transporte da ração de milho, sendo apenas necessario que todos os officiaes e praças conheçam a grande utilidade desse accessorio e possam sempre aproveitá-lo para o fim destinado. Para os animaes de transporte é preciso regulamentar que cada muar conduza como sobrecarga, devidamente acondicionadas, em bornaes apropriados, uma ou duas rações de milho.

(*) Nas operações da columna Sul contra os fanaticos de Santa Maria, o povoado de Perdizes Grandes onde mantive sempre uma pequena guarnição serviu-me de base de reabastecimento e marcava o limite entre a minha zona de operações e de etapas.

O trem regimental das unidades de infantaria e os trens de combate das unidades montadas, devem conduzir reservas de milho para substituição continua daquellas rações. Para o calculo do numero de cargueiros ou viaturas destinadas a esses transportes basta saber que um muar conduz um dia de forragem para 23 a 30 animaes e uma carroça colonial idem para 150 a 200 animaes.

9 — Serviço de saude

Embora o serviço medico do nosso exercito em campanha apresente sensiveis melhoramentos relativamente ao que ocorreu em outras guerras civis, é forçoso confessar que elle é ainda deficiente e susceptivel de grandes aperfeiçoamentos. Os batalhões isolados em operações de guerra não podem possuir apenas um facultativo, como foi sempre o nosso caso e necessitam de dous medicos, afim de que devido ao accumulo de feridos nos dias de combate, muitos não sejam insufficientemente pensados, ou fiquem inteiramente privados de tratamento durante muito tempo, ou ainda para que durante o impedimento ocasional do especialista do corpo, não fique acephalo o seu serviço sanitario como muitas vezes tem acontecido.

Não basta designar um sargento qualquer do corpo, para o serviço sanitario, sendo indispensavel que sem sacrificio do serviço interno, os sargentos de saude frequentem em tempo de paz os hospitaes e enfermarias militares, não sendo difficil a organização de um curso pratico para os mesmos naquelles estabelecimentos, cuja frequencia se torna obrigatoria para todos os graduados do serviço sanitario dos corpos da mesma guarnição.

Sempre que os corpos marcharem isolados é imprescindivel que os acompanhe um pharmaceutico que com os dois medicos constituirão um serviço sanitario sufficientemente organizado para satisfazer todas as necessidades do serviço sanitario interno.

As canastras inglezas provaram muito bem nesta guerra e, não seria de mais que o trem de combate dos corpos possuisse mais um cargueiro com duas canastras semelhantes conduzindo especialmente algodão e gazes para os pensos. As barracas de saude Reichelt satisfazem plenamente ao fim a que se destinam.

No 58º de Caçadores adoptei as bolsas de medicamento, adquiridas por conta do conselho administrativo, e que conduzidas a tiracollo pelo sargento e cabos de saude continham algodão, gaze, ether, iodo e ataduras.

Estas bolsas prestaram muitos serviços no penso dos feridos na linha de fogo. Durante as marchas o pessoal de saude conduzia tambem certos medicamentos peculiares para os accidentes communs e neste caso a utilidade das bolsas de medicamentos se tornava mais sensivel quando as companhias eram destacadas em missões especiaes.

Para o transporte de feridos do posto de soccorro até ás barracas hospitaes dos corpos, as rédes fornecidas ás operações, resolveram perfeitamente a questão.

Estas rédes e as padiolas regulamentares, cuja dotação por companhia deve ser no minimo de 4, ainda se prestaram muito bem para a remoção dos feridos das barracas hospitaes para o hospital de campanha. A remoção dos feridos

deste ultimo até á mais proxima estação da linha de onde tinham de ser transportados na estrada de ferro para o hospital de sangue, fez-se em redes, ou em animaes se o estado dos feridos permittia que montassem. Quando o accumulo de feridos era muito grande no hospital de campanha como aconteceu depois dos combates de 30 de Março a 4 de Abril, tornava-se necessaria a evacuação immediata dos feridos, que na sua maioria, ainda não podiam ter-se de pé, motivo porque o transporte fez-se em rédes exigindo para 40 feridos um comboio com o effectivo de um batalhão, não sendo possível mesmo assim fazer a marcha num dia. Acho que em casos destes, possiveis de se reproduzirem numa campanha no interior do Brasil, talvez seja preferivel o emprego de liteiras, cuja vantagem é incontestavel para a commodidade dos feridos.

Todo destacamento deve dispor no seu quartel-general de um tenente medico a cujo cargo ficará o hospital de campanha que tem de ser estabelecido logo que o destacamento tenha o primeiro contacto com o inimigo. Sob a direcção desse facultativo deve se achar um pelotão do serviço sanitario constituído de 20 enfermeiros 1 sargento e 4 cabos.

O pessoal do pelotão deve ser recrutado entre os musicos militares que tenham recebido no minimo instrucção de padioleiros, sem prejuizo dos padioleiros dos corpos em operações. (*)

O material necessario para installação desse hospital, pode ser transportado no comboio, ou no momento opportuno ser enviado ao ponto designado caso o destacamento opere com uma linha fixa de communicação, como occorreu com a columna sul depois da concentração em Perdizes.

Da leitura das minhas partes de combate poder-se-ha ver o modo porque estabeleci sempre os *postos de soccorro*, cuja organização e localisação variou conforme a situação tactica. Felizmente aquelles nunca deixaram de attender satisfactoriamente ás exigencias do seu pesado serviço, nem foram por desleixo das medidas de segurança, victimas dos ataques de surpresa do inimigo como aconteceu em acções anteriores das nossas campanhas do Contestado.

Para os serviços de padioleiros aproveitei os musicos dos batalhões de infantaria, cujas bandas foram provisoriamente dissolvidas na phase offensiva das operações. A distribuição dos padioleiros pelas companhias proporcionalmente á missão de que estes estiveram incumbidas (na vanguarda ou no grosso) é uma medida muito mais acertada do que a concentração dos padioleiros nos *postos de soccorro* sob a direcção do medico, para dahi attenderem aos chamados da linha de fogo, como aprendi com a experiencia adquirida no combate de 8 de Fevereiro do corrente anno. Acho conveniente que se insista mais no tempo de paz na instrucção dos musicos como padioleiros, convindo que os commandantes de corpos exijam do facultativo que pessoalmente dirija com auxilio do pessoal inferior do serviço sanitario, os exercicios correspondentes.

Infelizmente os *curativos individuaes* foram pela primeira vez distribuidos quando as forças

já estavam em operações de guerra, de sorte que não foi possível que os nossos homens aprendessem a empregal-os, nem se habituassem com seu uso, para uma applicação pessoal em combate.

Os curativos individuaes, por isso ficaram de preferencia accumulados nos postos de soccorro para os curativos feitos pelo pessoal de saude.

Serviço veterinario

E' inadmissivel que os corpos montados na sua maioria entrem em campanha sem os seus respectivos veterinarios e não se façam acompanhar de uma ambulancia veterinaria. A maior parte dos animaes doentes que tive durante as operações pereceram por falta de quem conhecesse as suas molestias e lhes applicasse uma medicação appropriada. Não se deve desprezar em campanha a installação de postos veterinarios onde se accumulem os recursos necessarios para tratar os animaes affectados.

Se nas estações de Caçador e de Calmon se tivessem creado essas installações provisórias, os pelotões de trem não teriam perdido tantos animaes e a cavallaria teria refeito muitas das suas montadas.

Dos corpos montados que operaram na linha do Sul só o 9º Regimento veio acompanhado de um veterinario.

10 — Remuniciamento

O remuniciamento em combate foi sempre feito aproveitando em primeiro logar a munição dos feridos e mortos, e em segundo a munição conduzida pelos reforços. A dotação habitual com que entravamos em combate era de 120 cartuchos por praça e raros foram os casos em que uma unidade exgotou as munições das patronas, de sorte que o remuniciamento total de uma companhia jamais occorreu durante o combate.

Os contingentes civis, devido a sua conhecida indisciplina de fogo, consumiram sempre grande numero de cartuchos. O mesmo acontecia com as secções de metralhadoras pela natureza peculiar do seu fogo. O remuniciamento destas unidades sempre se fez transportando os cunhetes á mão até uma posição abrigada de onde um certo numero de homens especialmente designados os distribuam ás linhas de fogo. Sempre que marchava para o combate, cada batalhão se fazia acompanhar de um cargueiro de munição, o qual ficava em logar retirado, em geral, á retaguarda do *posto de soccorro*.

O 1º sargento do material bellico sempre acompanhava o cargueiro de munição do sell respectivo corpo. A natureza dos combates em que tinhamos de operar onde o fogo do inimigo na maioria dos casos, não era nutrido, mas escasso e certo, e a proximidade em que sempre me achei da minha base de reabastecimento, faziam com que esse processo fosse sufficiente para manter as forças sempre municadas. Devo entretanto aqui consignar que o pessoal revelou nesse pesado, difficil e arriscado serviço a segurança, presteza e calma necessarias, não tendo recebido recriminações, nos casos em que o remuniciamento em plena acção se tornou necessario.

(*) A melhor solução consistiria porem em aproveitar para essas formações sanitarias pessoal dos hospitaes e enfermarias militares.

A secção de montanha que mais de perto acompanhou a infantaria nos seus ataques nunca exgotou os seus cofres portateis. Na acção de artilharia no dia 2 de Março em que um dos obuzes da segunda bateria teve de avançar através da matta para occupar uma segunda posição de tiro, a munição foi transportada a braço e assim se fez o remunição durante todo o bombardeio, tendo sido designado um pelotão de infantaria para esse serviço, em que cada homem carregou um projectil de 14 kilos através de uma extensão de quasi dois kilometros.

Um dado pratico que occasionalmente adquire para a condução da munição dos obuzes em carregueiros foi o seguinte: um muar transporta facilmente 6 projectis completos acondicionados em cunhetes com as dimensões approximadas dos de munição de infantaria, cada um dos quaes conduz 3. Um comboio organizado na estação de Caçador conseguiu assim transportar até Tapéra, com 20 muares 120 projectis, vencendo num dia a distancia de 36 kilometros em terreno de serra.

Louza Reis (Continúa).

Serviço de sapa em campanha para todas as armas

IV

Interrupção de linhas de communicações

(Conclusão)

187. As pontes de madeira tambem podem ser destruidas pelo fogo ou por meio de ferramentas.

O segundo processo é preferivel ao primeiro, pois a queima é sempre demorada e não se pôde calcular o momento em que a destruição se torne efficaç. Em todo o caso, é conveniente além de atear fogo, destruir uma parte por meio de ferramenta.

188. Para atear fogo accumulam-se combustiveis de toda especie (madeira, ramagens seccas, gravetos, carvão, etc.) abaixo do estrado da ponte, sobre armação ou fluctuantes — em pontes de barcos, nos proprios barcos — e regam-se-os bem como a ponte, com petroleo, piche, benzina ou alcool.

O resultado é incerto, mórmente com a chuva e nas madeiras duras.

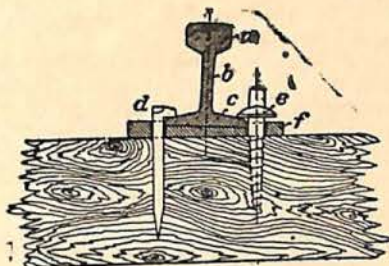
Caso a ponte assim preparada deva servir até ao ultimo momento ás tropas amigas, é preciso preparar um trecho do lado do inimigo de modo a poder ser rapidamente retirada a superestrutura, mas que esse preparativo não ponha em risco a passagem das tropas amigas.

189. Para destruir por meio de ferramenta retira-se o estrado e as longarinas a machado e a alavanca e cortam-se os supportes a machado ou a serra, o mais baixo possivel; nas pontes de barcos, retiram-se esses supportes. As vigas, taboas, embarcações, devem ser inutilisadas ou queimadas, para não facilitarem ao inimigo a reconstrução. As embarcações tambem podem ser carregadas de pedras, perfuradas e postas a pique.

Nas pontes de madeira que supportam estrada macadamizada, a estrada e o assoalho não precisam ser removidos mais que o necessario para descobrir as cabeças das longarinas, de modo que se possa serral-as ou derrubal-as.

190. As pontes de barcos em rios correntosos são facilmente destruidas desde que se soltem ou arrebetem as correntes de ancoramento ou espias; sendo o curso d'agua de pouca velocidade é preciso além d'isso, em alguns pontos, soltar as longarinas. As aguas arrastam a ponte e esta se esphacela.

FIG. 96 — Trilho de pé largo



a) cabeça; b) alma; c) pé; d) cravo; e) parafuso; f) calço.

As pontes de barcos em poder do inimigo podem ser destruidas por minas fluctuantes, brulotes, embarcações pesadas.

Esses recursos ás vezes tambem dão resultado contra as pontes de madeira com supportes fixos.

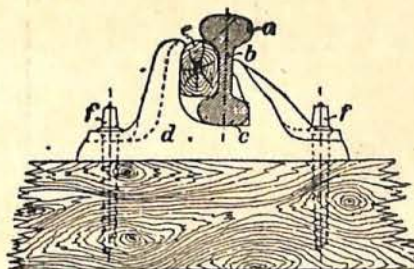
191. As pontes pensis além da destruição por explosivo podem ser inutilisadas pela destruição das correntes ou cabos de suporte por meio de machados, talhadeiras, serras ou limas de ferro.

INTERRUPÇÕES

Interrupção dos trilhos

192. A interrupção dos trilhos em plena via só produz effeito consideravel sendo repetida em distancias convenientes. O melhor é fazel-a em pontos taes que difficilmente se descubram e onde a reparação seja difficil, portanto nas curvas fortes, nos cortes, em zona deserta e nos aterros.

FIG. 97 — Trilho de cama



a) cabeça;
b) alma;
c) pé;
d) cama;
e) calço;
f) porca.

193 A ferramenta necessaria consta de chaves de parafuso, alavancas, talhadeiras e malhos pesados.

194. Interrompe-se a ligação dos trilhos entre si e com os dormentes (figs. 96 a 99), desaparafusando ou arrebetando as cavilhas, parafusos,

calços, etc. E' preciso fazer desaparecer as partes retiradas, principalmente as pequenas ferragens. Dispondo-se de pouco tempo mas de sufficientes trabalhadores, soltam-se as juntas de diversos trilhos e atiram-se-os do leito abaixo.

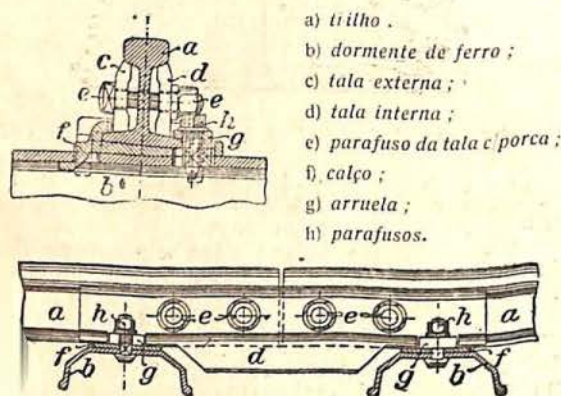
195. Mesmo pequenas damnificações nos trilhos podem causar um descarrilamento e produzir assim consideravel perturbação no trafego.

Devem para isso ser dissimuladas para que não sejam vistas do trem.

Isso se obtem pelas seguintes maneiras:

1.^a Afastar um par de trilhos contiguos, abrindo a via de alguns centímetros. Soltam-se as juntas que ligam esses trilhos aos demais (fig. 99) e descobrem-se de um lado as cabeças dos dormentes correspondentes; em seguida por meio de alavancas força-se para esse lado o par de trilhos com seus dormentes.

FIG. 98 — Junta de trilhos sobre dormentes de ferro



2.^a Alargamento ou estreitamento artificial da via, approximando ou afastando dois trilhos, á força, depois de affrouxar os seus meios de fixação.

3.^a Affrouxar os meios de fixação no lado exterior de uma curva forte, ou retirar as talas de junção exteriores, os parafusos e cavilhas e tornar a collocar-os sem os apertar.

4.^a Inutilisar nos trilhos de cama o calço exterior ou a borda exterior da cama; em dormentes de ferro, arrebitar os ganchos nas chapas de calço, as talas de cerrar e os parafusos (figs. 95 a 99).

196. Soterrar os trilhos ou collocar obstaculos (blocos de pedras, troncos de arvores, viaturas viradas) são meios que só interrompem o trafego por pouco tempo. Contudo seu effeito augmenta si forem applicados no escuro ou em pontos difficilmente vistos, como logo após as fortes curvas ou em tunneis, de modo que o trem descarrile. A interrupção do trafego será séria si se conseguir produzir o choque de dois trens.

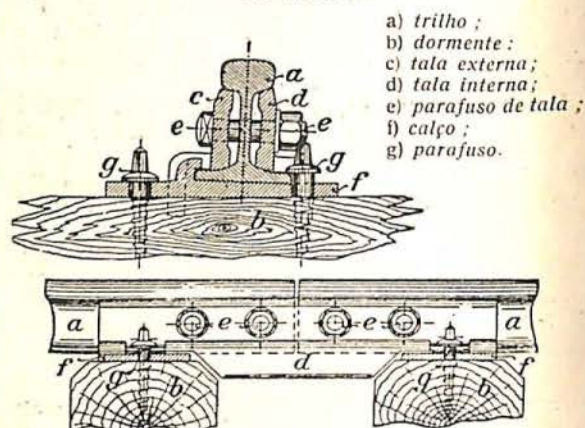
Damnificações nas estações

197. Applicam-se ás chaves e cruzamentos de trilhos e rampas rolantes, depositos d'agua, mecanismos de signaes do trafego e das chaves, semaphoras e telegrapho. Nas chaves e cruzamentos devem ser preferidas as de entrada e sahida da estação, bem como as que conduzem aos depositos d'agua e ás officinas. Por meio de

ferramenta soltam-se as agulhas, corações e cruzamentos e retiram-se-os ou inutilizam-se.

Póde-se tambem inutilisar toda a chave por meio de alavancas, depois de soltar as talas de ligação e descobrir os dormentes.

FIG. 99 — Junta de trilhos sobre dormentes de madeira



198. Os depositos d'agua, muito importantes para o trafego, consistem em geral em reservatorios elevados. São alimentados por meio de bombas, e por meio de tubos são ligados ás torneiras por onde se abastecem as locomotivas.

Destróe-se rapida e duradouramente um deposito d'agua pelo lançamento de um cartucho explosivo (490) com a mécha accesa, não importando que elle contenha agua ou não.

Retiram-se as partes moveis das bombas (embolos e hastes) e destróem-se a martello as valvulas, torneiras e tubos adductores.

199. Para destruir os mecanismos de signaes do trafego e das chaves interrompe-se a ligação das cemaphoras e chaves com o posto de manobra, cortando os fios de arame ou arrebitando as hastes de transmissão, ou destruindo os conductores se a transmissão for electrica, ou arrebitando as alavancas de manobras especialmente as do posto. A derrubada dos postos semaphoricos pouco prejudica.

Reconducção, inutilisação ou destruição de material rolante

200. As locomotivas e os carros reconduzem-se para os trechos que servem ao trafego proprio; só é admissivel a sua destruição quando não houver outro meio de subtrahil-os ao aproveitamento pelo inimigo.

As locomotivas são inutilisadas temporariamente quebrando-se ou amassando-se os órgãos de controle do machinista (torneiras, valvulas e dispositivos de alimentação da caldeira) e desparafusando-se os órgãos de direcção, de impulsão inicial ou outros essenciaes. Estando a locomotiva de fogos accesos é preciso incumbir a sua inutilisação a um perito.

A destruição de qualquer viatura tem lugar mediante o arrebitamento de uma roda ou de uma bucha de eixo por meio de explosivo. Nas locomotivas póde-se além disso destruir os tubos conductores externos ou perfurar a bala os tubos da caldeira.

E' muito efficaç fazer despenhar umã locomotiva no poço de um girador porque assim rapidamente se inutilizam ambos por algum tempo, além de que segundo as circumstancias podem por isso ficar impedidos de tráfegar outros materiais roiantes.

Vias fluviaes

201. O tráfego nos canaes ou rios canalizados é interrompido inutilizando-se osapparelhos de movimento nas comportas e apparelhos de carregar e rebocar.

Nos grandes rios a navegação pôde ser interrompida desde que se afastem os signaes ou se empreguem barragens fluctuantes ou fixas, ou minas.

As embarcações devem ser postas em segurança ou destruidas.

Vias terrestres

202. As *barragens de caminhos* só preenchem seu fim si não for possível contornal-as ou si causarem perda de tempo. Seu effeito é tanto maior quanto mais numerosas ellas forem. Sua importancia augmenta si se acharem debaixo do fogo.

203. Barram-se as pontes, os aterrados, os côrtes, as ruas de povoações e mais desfiladeiros por meio de abatizes, barricadas de pedras, troncos de arvores, etc.; as ruas também podem ser barradas pela destruição summaria de obras de arte; consegue-se o fim mais rapidamente atravessando na rua viaturas carregadas, embarcadas umas nas outras, ligadas, e retiradas as suas rodas. Viaturas carregadas de feno ou palha prestam-se além disso a serem incendiadas no momento azado.

Pôde-se difficultar a utilização das estradas pelas viaturas (automoveis!) sulcando transversalmente o seu leito por meio de fossos ou atravessando-o com aterros.

Uma barragem facil de preparar e muito efficaç á noite é constituida por arame estendido de travez.

Grandes pedras espalhadas irregularmente em extensão de kilometros perturbam consideravelmente o movements silencioso do inimigo á noite.

Pôde-se inundar ou encharcar uma estrada represando algum curso d'agua que a corte ou acompanhe.

Caminhos margeados de arvores, especialmente caminhos aavez de mattas, podem ser barrados com rapidez e radicalmente, abatendo-se um grande numero de arvores de modo que se avertissem, ficando ainda presas ao conto do tronco. Reforça-se ainda tal barragem por meio de teadura de arame.

Difficulta-se a remoção das barragens de caminhos por meio de minas automaticas.

Vãos

204. Os vãos podem ser inutilizados temporariamente por meio de destorreadores postos de pontas para cima, fixados no fundo da agua, taboas atravessadas de pregos, arvores pesadas muito esgalhadas, e redes de arame.

Linhas telegraphicas e telephonicas

206. As linhas permanentes podem ter os fios conductores descobertos ou subterraneos.

207. As *destruições radicaes* devem abranger sufficiente extensão da linha — portanto um ou mais dias de marcha — e as estações.

Os fios das linhas aereas devem ser cortadas em muitos pontos, limadas ou arrebetadas e afastadas: inutilizam-se os isoladores, derrubam-se os postes, arrebetam-se-os ou queimam-se.

Os postes que supportam muitos fios quebram desde que estes sejam cortados de um só lado, cahindo para o lado opposto; por isso para não pôr em risco o pessoal executante da destruição é preciso cortar os fios successivamente dos dois lados, ou então deve-se antes de cortar cada fio soltar os de ligação.

As linhas subterraneas cuja situação em geral é marcada por certas pedras, devem ser cortadas em diversos pontos ou arrebetadas com explosivo. Antes de tornar a encher a excavação feita para a destruição, de modo a dissimular-a, é preciso cuidar que as duas extremidades do corte não entrem em contacto.

Em territorio inimigo, em geral, só se poderá descobrir a sua situação cavando um profundo fosso aavez das estradas.

Nas estações arrebetam-se os apparelhos e baterias electricas e arrancam-se as linhas; porém as fitas de Morse, os livros de despachos e os croquis esclarecedores da instalação, plantas e figuras, bem como originaes importantes devem ser apprehendidos.

208. As *interrupções ligeiras* são praticadas, em geral, em plena via e nos proprios fios, e consistem em separal-os em diversos pontos. As interrupções ligeiras em muitos pontos prejudicam mais o restabelecimento do tráfego do que uma destruição radical n'um só ponto.

209. Compete exclusivamente á cavallaria (541) e ás tropas de telegraphia a producção de defeitos occultos.

Klinger.

AS PROMPTIDÕES

Sempre que periodicas e tradicionaes arruaças vêm quebrar, por alguns dias, a monotonia enervante de nossa formosa *urbs*, ameaçando a integridade dos mostruarios e exhalando a rhetorica indigena junto á estatua do immortal Patriarcha, o Exercito Nacional vive momentos felizes pelo ensejo que se lhe offerece de justificar a existencia perante a Nação.

São bem conhecidas as invectivas com que frequentemente o mimoseiam, si algum tempo decorre sem que se annuiem os horizontes ou que se torne necessario appellar para uma decisão pelas armas. O Exercito volta então a ser um agrupamento parasitario que «absorve e não rende, que consome e não produz.»

Não havendo guerras em perspectiva nem fanaticos a combater, que todos não aproveitaram ainda a acção bemfazeja dos *habeas-corpus*, fica o Exercito inactivo, preocupado tão sómente com a instrucção.

Tempo houve em que as «rigorosas promptidões» vinham trazer ás nossas forças aquartelladas a proveitosa illusão de um estado de guerra.

Armas em sarilho, cavallos ensilhados, canhões fóra dos parques com as coifas semi-desafivelladas proporcionavam sensações ainda inéditas aos nossos officiaes e um repouso tonificante a um estado de intensa monomania pelo ensino profissional.

Parecia que essa saudosa época não mais lograria voltar com o retrair-se a tropa para as suas casernas e campos de exercicios, e o alheiar-se de questões a que até então ligara um apreço que a muitos se afigurava injustificavel.

Felizmente a ultima *grève* dos padeiros, cine-siphoros e moços de hotel veio revelar mais uma vez que as nossas cogitações continuam as mesmas, os nossos ideaes mantêm-se ao mesmo nivel.

E' inutil tentarem subverter a ordem publica. Está o povo apavorado com ameaçadores *complots*? Nada receie o povo é só repetir um conhecido thema:

—O Exercito está... nos seus dias felizes.

Compeço Cavallete

Campeonato annual do cavallo d'armas (*)

«No quartel do Regimento de Granaderos a cavallo se iniciou, esta manhã, o campeonato annual do cavallo d'armas, typo "Granderos".

O torneio, que tem por proposito o aperfeiçoamento dos animaes destinados a prestarem serviços no regimento, comprehende duas categorias: a primeira para cavallos de chefes e officiaes e a segunda para cavallos de tropa.

Começou com a prova preliminar do exame dos animaes, para eliminar os que a juizo do jury não estiverem em condições de disputar o campeonato.

As provas restantes se referem ao adextra-mento de escola — percorrer de 50 a 40 kilometros em 3 horas e 30 minutos com a equipagem regulamentar, e salto de obstaculos e sangas em 4 horas e 2 minutos.

Para o campeonato do cavallo de armas de chefes e officiaes, o presidente da Republica offerecerá uma taça de honra.

Essa taça ficará no regimento e se inscreverá annualmente nella o nome, numero e matricula do cavallo, ginete e o nome do criador do vencedor.

Demais se concede ao ginete uma medalha de ouro doada pelo regimento e uma medalha de prata e diploma ao criador, doada pela Sociedade Rural Argentina.

Para o campeonato do cavallo de armas de tropa, haverá uma taça doada pelo Jockey Club.

Esta taça ficará no regimento e se inscreverá annualmente nella o nome, numero e matricula do cavallo, ginete e o nome do creador do vencedor.

Ao ginete se lhe concederá uma medalha de prata doada pelo regimento e uma medalha de prata e diploma ao seu criador, doada pela Sociedade Rural Argentina.

O campeonato é reservado para cavallos de serviço do regimento e de propriedade dos senhores chefes e officiaes do mesmo, que prestam serviço nelle, desde 6 mezes antes da inscripção pelo menos.

(*) Realizado em Buenos Aytes.

Da Provincia Trecho de uma carta recém-chegada do Rio Grande do Sul: «... Uma nova que tenho a dar-te é a de estarmos, officiaes e praças, pagos em dia! Certo te vaes espantar desse milagre, mas eu t'o explico.

Quem nos pagou não foi a Delegacia que essa, coitada, não tem numerario; foi o Banco do Commercio de Porto Alegre que resolveu pagar-nos os muitos mezes que nos deviam, mas — com o desconto de 1 %. E assim, aqui por estas plagas soffremos o imposto de 11 e 16 %, em lugar de 10 e 15, e as praças o de 1 %...

Magnifico thema para uma acção combinada das Secretarias de Estado da Guerra e da Fazenda.

O chronico atraso dos vencimentos da tropa na «provincia» tem o effeito muito conhecido dos levantes periodicos da soldadesca. Não é agora nosso objectivo commental-o. Temos em vista frisar um outro effeito que, não sendo explosivo, violento como aquelle, deve entretanto impressionar seriamente pelo seu caracter de constancia: aquelle atrazo é a força centrífuga das guarnições fóra do Rio, é uma razão clara, humana, da preferencia dos officiaes pela Capital Federal.

Assim se comprehende logo uma outra passagem da carta em questão:

«... O nosso regimento vae de vento em pôpa quanto a soldados; quanto a officiaes, porém, ainda não chegou aqui a remodelação. Continúa tudo como dantes, nem ha esperanças de que elles se resolvam a transpor os humbraes do nosso vetusto quartel...»

O grypho é nosso. E é nada mais que humano os nossos officiaes relutarem em seguir para guarnições onde ficarão condemnados ninguem sabe a quantos mezes de privações e provações, principalmente os que têm familia.

E' uma questão de alto alcance e interesse do Exercito, porque o mal é bilateral: ao da falta de officiaes na «provincia» ajunte-se a perniciososa plethora dos quadros no Rio.

Não se podendo pensar em applicar tambem aos officiaes superiores e subalternos que superpovão adventiciamente os corpos e repartições da nossa capital o processo a Mahomet, applicado com exito aos generaes, o qual consistiria em criarlhes logares no Rio, já que não querem ir para seus logares fóra do Rio — é inilludível a necessidade urgente de resolver-se o citado thema de dupla acção administrativa.

Talvez pudesse servir de base ao estudo um projecto de systematisação daquella solução do banco, mas correndo o tal 1 % suplementar, por conta do Thesouro.

Subscrição para as familias das victimas dos "fanaticos" do Contestado

N. da lista	PROCEDENCIA	QUANTIA
Somma publicada no n. 22, pag. 332.		13:791\$200
252 Officiaes do 8º R. I.		81\$000
253 a 255 Praças do 8º R. I.		46\$000
General Alencastro Guimarães		20\$000
Somma		13:938\$200

Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus collaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

No Rio de Janeiro

M. G. — 1.º Tte E. Leitão de Carvalho.
Gr. E. M. — 1.º Tte Arnaldo D. Vieira.
D. G. — Cap. J. A. Coelho Ramalho.
G. 2 — Cap. M. H. da Costa Santos.
G. 4 — 1.º Tte A. C. Pitta.
D. A. — Coronel Principe.
3.ª D. — 2.º Tte Columbano Pereira.
IV R. — 1.º Tte A. G. de Souza Mendes.
4.ª Br. C. — 1.º Tte O. Villa Bella e Silva.
6.ª Br. I. — Cap. Barros Barretto.
Br. Pol. — 1.º Tte M. Castro Ayres.
1.ª R. I. — 1.º Tte J. F. Jucá.
2.ª R. I. — 1.º Tte Octaviano Gonçalves.
3.ª R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.
52.ª Caç. — 2.º Tte Maciel da Costa.
56.ª Caç. — 1.º Tte Corbiniano Cardoso.
1.ª Cia. Metr. — Aspte João Pereira de Oliveira.
 2.º Tte A. Cesar da Cruz. (intº)
Arsenal — Major Heitor C. Borges.

1.ª R. Cav. — Aspirante Oswaldo Rocha.
13.ª R. Cav. — 2.º Tte Sylvestre Mello.
5.ª Br. I. — 1.º Tte Jucá.
1.ª E. Trem — 2.º Tte Cedar Marques da Silva.
1.ª R. A. — 1.º Tte Manoel de B. Lins.
20 G. Art. — Aspirante Mario Teixeira Netto.
3.ª G. Ob. — 2.º Tte Fiuza de Castro.
1.ª Bat. Art. — Cap. F. Escobar de Araujo.
2.ª Bat. Art. — 1.º Tte Octaviano Leão.
Imbuhy — Cap. Dr. Guimarães.
Copacabana — 1.º Tte F. J. Pinto.
1.ª Bat. Eng. — Tte Procopio de Souza Pinto.
Comm. Fortificação — 1.º Tte J. Francisco Duarte.
E. M. — Realengo, 1.º Tte Luiz M. de B. Fournier
 Alumno Thimotheo F. Machado.
E. E. M. — P. Verm., 1.º Tte Eloy de S. Medeiros.
Coll. M. — 2.º Tte Q. de Castro e Silva.
 2.º Tte Maximiliano Fonseca (interino)
Fabr. Realengo — 1.º Tte Freire de Vasconcellos

Fóra do Rio de Janeiro

47.ª Caç. — Belem, Aspirante Tristão Araripe.
50.ª Caç. — Bahia, 2.º Tte Leal de Menezes.
53.ª Caç. — Lorena, 1.º Tte Mauricio J. Cardoso.
5.ª R. Cav. — S. Luiz, Tte Cel Leovigildo Paiva.
11.ª R. Cav. — Bagé, 1.º Tte L. Almada Rodrigues.
12.ª R. Cav. —
15.ª R. Cav. — Aspirante Manoel Brilhante.
II Br. Cav. — Alegrete, 1.º Tte J. Avelino da Cunha.
Coll. Barbacena — 1.º Tte Eduardo C. de A. Sá.
Coll. P. Alegre — 1.º Tte Vicente da Fonseca.
S. Gabriel — 1.º Tte Glycerio Gerpe.

III Reg. — 1.º Tte Custodio dos R. Principe.
VI Reg. — Capitão O. G. de Senna Braga.
VII Reg. — 1.º Tte Amaro Villa Nova.
3.ª R. Art. — Cruz Alta, 1.º Tte G. P. Fontoura.
3.ª B. Art. — Ipanema, Capitão Evandro E. S. Lima.
4.ª B. Art. — Obidos, Cap. A. J. Pereira Junior.
6.ª B. Art. — Bahia, Tte Cel Pimenta.
9.ª B. Art. — Rio Grande, Tte Eliezer Jobim.
16.ª Grupo — Major Ramiro Souto.
18.ª Grupo — Bagé, 1.º Tte Salvador Obino.
Fabr. de Piquete — 1.º Tte Antonio R. de Rezende.
Fabr. Estrella — 2.º Tte Maciel da Costa.

O PAGAMENTO das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado ao mais tardar no seu segundo mez. Os recibos são expedidos adiantadamente com o ultimo numero da assignatura. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou á Papelaria Macedo, Rua da Quitanda, 74. Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.